

PAOLA ZORDAN (ORG.)

SECRETAÇÕES

INDEP 

Copyright @ 2013 Paola Zordan (Org.)

Organização:

Paola Zordan

Projeto Editorial:

INDEPIN - Miriam Piber Campos

Processo C3 - coletivo de várias coisas - Wagner Ferraz

Capa:

Paola Zordan e Anderson Luiz de Souza

Arte da capa:

Paola Zordan e Anderson de Souza

Layout e diagramação:

Diego Mateus, Miriam Piber Campos e Wagner Ferraz

INDEPIN Editora - Coordenação Editorial

Miriam Piber Campos e Wagner Ferraz

INDEPIN INSTITUTO

O Instituto de Desenvolvimento Educacional e Profissional Integrado – INDEPIN – oferece cursos livres em diferentes áreas e atua como Editora, através de publicações colaborativas em formato impresso sob demanda e em formato digital para download gratuito. O Instituto não visa lucro com essas propostas de publicação, apenas busca contribuir para que produções de diferentes áreas sejam disponibilizadas facilitando o acesso.



2013

INDEPIN Editora

www.indepin-edu.com.br

PAOLA ZORDAN (ORG.)

SECRE  AÇÕES

1ª Edição

Porto Alegre
INDEPIn
2013

SECRETAÇÕES

Autores

Paola Zordan (Org.)
Ana Carolina de Bonna Becker
André Pietsch Lima
Angélica Munhoz
Carmen Jacques
Fernanda Kieling
Jamer Mello
Júlia Berenstein
Julianna Coutinho
Luiz Daniel Rodrigues
Márcio Porciúncula Ferreria
Marilu Goulart
Mayra Martins Redin
Nara Lucia Giroto
Patrícia Unyl
Paula Trusz Arruda
Polen Sato
Simone Rodrigues
Talita Tibola
Valdemar Schultz

Sumário

- Riscos de um corpo que não se educa/Polen em processo	
Paola Zordan	11
- A título de uma secreção/inominável	
Valdemar Schultz	14
- Tatuagem (texto)	
Polen Sato	22
- Oblações ao corpo: escrituras do desejo	
Márcio Porciúncula Ferreira	23
- RE[DES]CONSTRUINDO-SE (fotografia)	
Simone Rodrigues	35
- amor em fragmentos	
Marilu Goulart	36
- desenhos	
Ana Carolina de Bonna Becker	56
- O rosa das infernais	
Patrícia Unyl	59
- insensato/máquina/experimento	
Jamer Mello	65
- Atmosferas	
Carmen Jacques	68
- e s c r i a t u r a /sobras e sombras	
Talita Tibola	75
- Histórias de observatórios	
Mayra Martins Redin	84
- pus/asterisco/bordescrituras	
Raquel Andrade Ferreira.....	89

- Jogo de astúcia	
Angélica Munhoz	93
- Tempo (fotografia)	
Fernanda Kieling	97
- linhas num livro	
Paula Trusz Arruda	98
- Caras da Lua	
Paola Zordan	103
- VARIAÇÕES	
André Pietsch Lima / Nara Lucia Giroto	107
- Giacomo Joyce: Declinações	
Nara Lucia Giroto / André Pietsch Lima	116
- cicatrizes - Confeitaria Rocco (fotografia)	
Júlia Berenstein	123
- séquitos misteriosos	
Luiz Daniel Rodrigues	124
- vitória da tripa sobre a palavra	
Julianna Coutinho	129
- colagem/Arcano Zero/ fluxo puro/colagem	
Paola Zordan	132

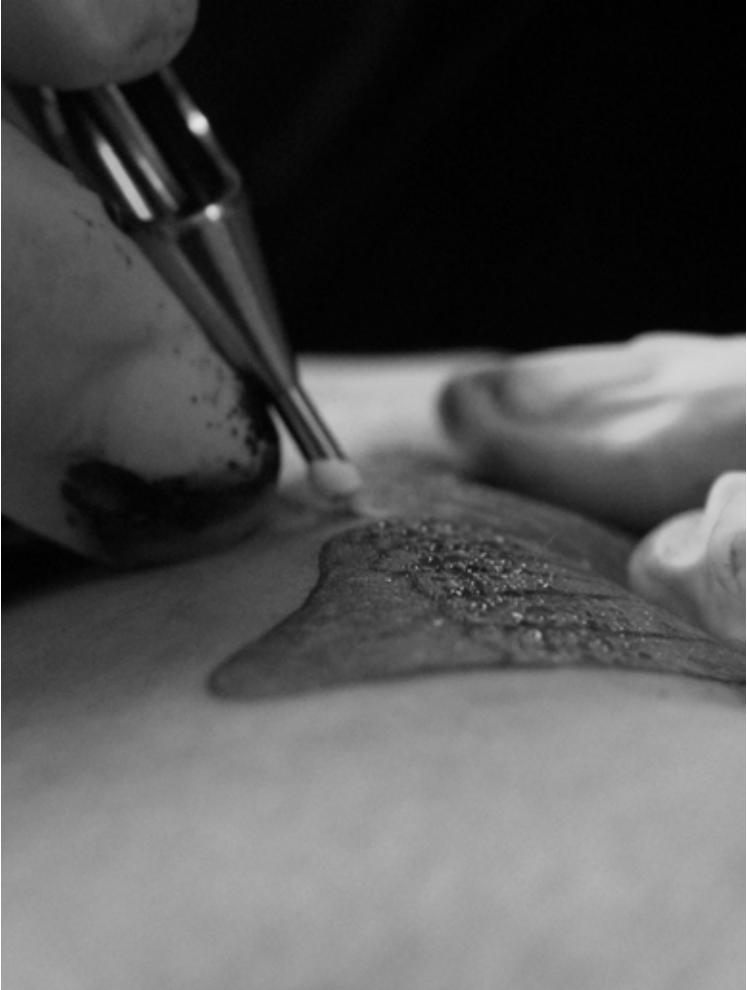
SECRET  *AÇÕES*

Riscos de um corpo que não se educa

Paola Zordan

Apesar de tanta paixão, o que se apresenta talvez seja só outro produto de uma nova escrita, já muito velha em suas fórmulas, estudos e modos de expressão. Certamente não se quer amostragem de estilos definidos, ainda menos desfile de tendências “à moda de”. Apenas deseja experimentações, trazendo um tanto de indeterminado para mostrar o que podemos criar em torno de um corpo, de uma linha, de uma vida. Com seus padecimentos, amores, suores, desvios, suspiros, exercícios e excreções. O que se coloca em mãos reunido em papel é a composição entre povos de diferentes orientações. Os autores são oriundos de vários campos disciplinares, arte, psicologia, teologia, pedagogia, história, biologia e química. Exercem ofícios diversos, que vão da docência ao trabalho senso e corpóreo, em grupos e/ou estritamente individual. Atestam, em seu devido fato, que é possível colocar uma máquina venusiana a rodar dentro da Educação. De Vênus porque não mais se move contra ao poder para fazer guerras, como a máquina bélica de Marte que Deleuze e Guattari discorrem em *Mil Platôs*, mas coaduna com suas forças em prol de vários prazeres possíveis. Traz a novidade operando no mais duro da maquinaria estatal, ignorando aparato e arsenal para agir segundo a deusa do amor, da sensualidade e da volúpia. No trabalho incansável de quem ama e não teme perder seus próprios pedaços essa junção não é mais do que enorme vontade de poesia e demanda de pesquisa. E de trabalhar, acima de tudo, na modulação de ações potentes em sala de aula, com a arte. Sem nenhuma pretensão de verdade. *Secreções* é um rumor ignorado, tamanha quantidade de perigos que encerra. Por não se conformar aos textos “bem-

educados”, às interpretações tidas como “certas” e a nenhum sentido de equiparação, esse projeto faz dos alunos e docentes que a ele aderiram reverem sua própria obscuridade. Fartos de alguns tipos de discursos, no fluxo de variados humores, afirmamos o potencial das criações coletivas, a superação do tempo e aceitação de riscos. De letras, de imagens, de desenhos. Aqui se arriscam alunos especiais do Programa de Educação Continuada, alunas da graduação em Artes Visuais, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores ligados ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao qual somos gratos pela possibilidade e pelas dificuldades de realizar este livro. Com exceção das alunas participantes da pesquisa *Paixões da Diferença*, bolsistas e voluntárias de Iniciação, os autores são orientandos e ex-orientandos da Linha de Pesquisa Filosofia da Diferença e Educação. Os textos surgem impregnados pelos seminários oferecidos, práticas de pesquisa e outros contágios. Dentro de um projeto acadêmico que percorre artes de todos os tipos, música, literatura, clínica e tradução, essa produção é um presente que todos festejamos. Dando viva aos corpos, cuspes, gozos e brindes!



título de uma seção

***Aos que lhe perguntarem em que consiste a escrita, Virginia Woolf responde:
Quem fala de escrever?
O escritor não fala disso,
está preocupado com outra coisa.***

Deleuze, em *Crítica e Clínica*

Quando se está às voltas procurando achar o tom de uma escrita, se configura antecipadamente uma preocupação pelo título, uma espécie de guia ou taxonomia do pensamento. No final, se projeta nele uma imagem de um objeto que, movida por uma estranha necessidade, se quer palpável. Contudo, em exposições de arte, sobretudo nas contemporâneas, obras “sem título” são bastante frequentes. Para os artistas, a função do título não é revelar algo da obra nem “guiar” o olhar do público, pois, ao ser criado, já se tornou “outra coisa”. Nas produções textuais, especialmente na publicação de livros, se espera que o assunto ou a

matéria desenvolvida seja designado. Salvo em poesias ou aforismos, a ausência de uma nomeação produz um inevitável estranhamento, porque um vazio incômodo se instala. Paira no ar uma necessidade de inscrever, como propriedade e autoria, o que se pensa e se quer referendar. Se o texto não é nomeado, parece que algo lhe falta, ou que a propriedade de um autor é obliterada. Seja antes, durante ou após a escrita, tal qual o pintor diante de uma tela branca ou o compositor diante de seu instrumento, o objeto de criação deverá se configurar com todas as vísceras e dilaceramentos possíveis. Na mistura de todas as substâncias, o título surge como incessante condição do estopo de uma escrita.

Sendo o título uma criação indelével e um pretensioso empreendimento, lançam-se vários atravessamentos que o constituem. Alguns, persuadidos de uma visão tecnicista, esperam que seja original e inédito sem, contudo, comprometer a profundidade do que se expõe. Defensores do racionalismo verificam se o título expressa a matéria de modo coerente e objetivo com um saber instituído. Alguns passadistas observam se a tradição da história do pensamento humano está bem resguardada segundo os

liames da filosofia. Outros, preocupados com as distinções acadêmicas, têm preferência por formas clássicas, ainda que evitem formulações herméticas. Há também os comunicadores, para os quais é indiferente se o que se escreve é sagrado ou profano, coloquial ou científico, pois estão preocupados com a audiência de suas informações. Os revolucionários são contundentes em sua exigência por algo que desperte a consciência do mundo. Os ressentidos evitam tanto a formulação técnica quanto a provocação acadêmica. Os mais exóticos ficam à espreita de uma revelação secreta ou estão inclinados a cultivar mistérios. Já os poetas, no fluxo de seus pensamentos e afectos, compõem com o ritmo das palavras os sons que fazem naufragar a presunção do seu ser. Os amantes da arte são criadores que desejam disparar suas produções e ativar humores.

Nem ordenações nem classificações. Em vez de nomeações, secreções. Qualquer tentativa de objetivação permanecerá na condição do improvisado, do provisório, da experimentação, mais próximos do acaso, como num lance de dados. É preciso experimentar, exprimir e expressar incansavelmente o que se pensa e o que se sabe sobre um plano de composição a fim de encontrar pontos

de conexão e estabelecer zonas de intensidade sem que se tenha a pretensão de designar algo. Longe de ter que revelar algo intrínseco do conteúdo, sem jamais esgotar seu sentido, uma nomeação pode ter a grata possibilidade de ser uma disjunção, de revelar seu fora, de instaurar uma multiplicidade. Em razão de uma secreção se cria um título. Cria-se procedimentos para testar a linguagem e levá-la a forçar o seu limite. Chega-se a novas figuras rompendo-se com qualquer tentativa de imitação. Escrever é uma forma de expor-se a sobressaltos e golpes no plano do pensamento. Traços se produzem infinitamente sem que se possa nomeá-los. O que se pensa e se escreve se realiza como matéria de sensação. *Não é mais a sensação que se realiza no material, é antes o material que entra na sensação.* Um remete ao outro os fluxos de seu devir.

Inominável

*quando o coração se me amargou
e as entranhas se me comoveram,
eu estava embrutecido e ignorante;
era como um irracional à tua presença. (salmo 73.21)*

tentava adaptar o mundo a mim,
muitas coisas me traziam perturbações digestivas,
meus desejos se tornaram viscerais,
mas cada parte do meu corpo carregava um sentimento diferente,
alguns para me excitar,
outros para secretar,
parte de mim era consciente,
outra parte, puro instinto,
meu desejo era viver o prazer,
ainda que andando em deriva,
à espreita das surpresas,
de partes desconexas,

surgidas ao acaso,
como num anagrama,
o movimento que se faz vem a ser o ritmo que se vive,
na alma se produz efeitos de prazer e desprazer,
opondo ao que é útil,
afirma a forma de uma matéria,
dispara pulsações,
viver para além da crítica,
contra o bom senso,
evitando julgar,
sem poder dizer se é bom, ou é mau.
um espírito afligido sob a tutela da moral
precisa ter pressa para traçar uma linha de fuga,
já que, de todo, do jugo não se consegue livrar,
desnecessário se faz pedir desculpas e dar explicações,
nomear e classificar,
promover destruições ou idealizações,
desejo de vaguear na poesia,
seguir o ritmo da respiração e os fluxos vitais,

em vez de significações, secreções,
tentativas de objetivação
permanecem na condição do improvisado e do provisório,
terrenos estranhos se atravessa com pressa,
antes de neles fazer morada,
superfícies são estendidos no horizonte,
nas fendas se exprime e se expressa um corpo novo,
erótico em vez de pornográfico,
nas nuances se ama,
mostrando pontos de contágio,
marcando zonas de intensidade,
vazias de significado,
carregadas de sentido,
cobertas de sensações,
viver o prazer de experimentar disjunções,
tanger o fora,
instaurar uma multiplicidade,
em razão de uma secreção se expressa a matéria,
se transpõe o limite de uma língua,

se ri da própria irracionalidade,
se expõe à sobressaltos,
as marcas no corpo se produzem infinitamente,
não há o que se possa controlar,
o que se pensa se realiza como matéria de sensação,
um remete ao outro os fluxos de seu devir.

escrevemos,
desenhamos, pintamos, rabiscamos
e, incansavelmente, proliferamos nossas criações,
nossa professora,
escritora-artista,
que passeia pelas paisagens que se passam em nosso
espírito,
sonhou com um livro que se apresenta em forma de
corpo.

TATUAGEM

IMPULSO DE ARTE PREPARATIVOS PARA UM RITUAL
MONTAGEM DE MESA MÁQUINA AFINADA MAQUINAFINADA
MATERIAIS DE PROTEÇÃO OBRIGATÓRIOS PROTEÇÃOFRÁGIL
PARA UM CORPORISCO CONSTANTE O SOM O
ZUNIDOGEMIDOMAQUINÁRIO É MÚSICA QUE ARREPIA
PELEPELO SEM ESCAPATÓRIA ELAS PENETRAM A PELE VAI-
E-VEM ENTRA-E-SAI TÃO RÁPIDO QUE OS OLHOS PERDEM O
MOVIMENTO E APENAS VÊ O RASTRO DEIXADO TINTASANGUE
PELEMORTA PELETINTA PELEARRANHADA PELEAVERMELHADA
PELEMARCADA UM COMEÇO LENTO QUE AOS POUCOS GANHA
RITMO UM-DOIS-TRÊS 1-2-3 Z-ZZ-ZZZ E ENTÃO TUDO ENTRA
EM SINTONIAFINA INCLUSIVE A DORAGUDA DORAGONIZANTE
DORGOSTOSA DORVÍCIO *NUNCA NUNQUINHA DE SÃO NUNCA
NEVER AGAIN QUE FAÇO ISSO NOVAMENTE* COMENTÁRIO
FREQUENTE NA METADE DE CERTOS RITUAIS OS MOMENTOS DE
SOFRIMENTO DEMORAM MAIS PARA PASSAR MINUTOHORA QUE
ATÉ O PAPEL MACHUCA MAS COMO LEMBRANÇAVINGANÇA ELE
TAMBÉM É PENETRADO PAPELCOLORIDO PAPELMANCHADO
PAPELVERMELHO É NECESSÁRIO MUITOS DELES PARA
SECAR AS LÁGRIMAS DA PELE SOFRIMENTOCRUELDADE
SOFRIMENTOSATISFAÇÃO SOFRIMENTOMASOQUISTA
RITUAL DE AFIRMAÇÃONEGAÇÃO NEGAÇÃOAFIRMAÇÃO
PASSAGEMEXPERIÊNCIA CICATRIZ DA ALMA TRAZIDA PARA
A SUPERFÍCIE DORANESTESIA VIRTUAL EDUCAÇÃO DA DOR
EM UM COMEÇO SEM FIM AUTOCONTROLE DESCONTROLADO
AUTOCONHECIMENTO DESCONHECIDO A ARTE MOTIVA A
AÇÃO ARTEMOTIVAÇÃO AO FIM DE TUDO É O COMEÇO A ARTE
RENOVA A PELE E O RITUAL SE REPETE TATUAGEM NOVA
PELERENASCIDA PELEARTE

Oblações ao corpo: escrituras do desejo

Para Al Berto, sensual.

“Os olhos no teto, a nudez dentro do quarto; róseo, azul ou violáceo, o quarto é inviolável; o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero, pois entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo.” (Raduan Nassar)

Nota do autor: Como um incansável *ladrão de palavras*, alguns fragmentos foram roubados: “é 1 palerma, o amor!”, do livro *O homem ou é tonto ou é mulher*, de Gonçalo M. Tavares, “o amor consiste em duas pessoas poderem ser tolas juntas”, do livro *Monsieur Teste*, de Paul Valéry, “ninguém tem vontade de falar do amor, se não for para alguém”, do livro *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes, “... não é uma coisa que se coloca sobre o teu dia como um condimento sobre o teu almoço”, do livro *A perna esquerda de Paris seguido de Roland Barthes e Robert Musil*, de Gonçalo M. Tavares, e “rasgo com minhas possantes mãos meu peito em pedaços”, do livro *Os Cantos de Maldoror: poesias: cartas*, de Lautréamont.

1

Noutro dia, por exemplo, saí a caminhar pela noite.

Para seduzir.

Acho que é um dom que eu tenho desde pequeno.

Sou muito hábil em matéria de sedução.

Disso sim eu entendo. Não tenho pudor algum.

Acho até que esse é o meu destino: caminhar pela noite afora roubando e seduzindo almas e corpos.

Me habituei a isso.

Adoro a ferocidade e a respiração da noite.

É quando chego ao extremo e ao esplendor de mim mesmo.

Ao mais silencioso e eterno de mim mesmo.

No fundo de mim.

Durante o dia fico muito paciente e desconhecido de mim.

A respiração do dia é doída.

O dia está cheio de horrores.

O dia me devora.

À noite, entorpecido, seduzo o que seja: pedra,
árvore, sereia, demônio, dragão...

O que atravessa no meu caminho.

E assim ando à procura.

Gosto de seduzir única e exclusivamente para sossegar
meus sentidos.

Minha paixão.

De madrugada volto pra casa com os olhos em chamas.

Vou descansar o coração.

Para trás da noite, não quero mais lembrar dos rostos que
passaram por mim.

Nas mãos e no pensamento, só o cheiro e a lembrança dos
corpos que seduzi.

A minha vida inteira sempre foi isso: seduzir corpos na
eterna noite do mundo.

É a minha sina.

Que tremula no mais fundo da noite em mim.

2

Dizem que o amor faz pensar.

Li isso num livro.

Eu diria que sem o amor é mais possível de se pensar.

Ninguém consegue ser inteligente quando está apaixonado: há sempre uma força a nos atrapalhar o pensamento.

Ninguém consegue medir as conseqüências de um amor.

É 1 palerma, o amor!

Se não estiver com o coração intacto.

E depois há mais coisinhas.

Ficamos paralisados.

Quase impossibilitados de qualquer movimento.

O corpo dói demais. É inevitável.

(Como é tolo um homem apaixonado).

Aliás, há quem pense que *o amor consiste em duas pessoas poderem ser tolas juntas.*

Química complicada essa do amor.

Delírio puro.

No entanto, um paradoxo: *ninguém tem vontade de falar do amor, se não for para alguém*. Sempre há na escrita sobre o amor, o desejo e a sensualidade, uma pessoa – normalmente um canalha – a quem nos dirigimos.

Daí que o amor pode ser também, a grande inspiração de quem escreve.

E há sempre um doido a estar inspirado.

Já a paquera não produz nada.

Nenhum desejo de escritura.

Seria pedir muito.

De resto, se quer escrever,

fuja do amor.

3

isso tende. isso tende e pressiona. isso tende e pressiona e corcoveia. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo e quer projetar-se. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo e quer projetar-se realizar-se. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo e quer projetar-se realizar-se exprimir-se. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo e quer projetar-se realizar-se exprimir-se expressar-se. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo e quer projetar-se realizar-se exprimir-se expressar-se arranjar-se. isso escorre. isso escorre e flui. isso escorre e flui e explode. isso se torna escritura. a escritura torna-se isso. e isso é o desejo.

4

É por isso que eu gosto disso.

Mas o nome disso não é isso.

O nome da boca não é a boca.

Os nomes dos lábios não são os lábios.

Os lábios podem ser: carnudos, em formato de coração,

finos, grossos, inferior, superior.

Os nomes das coisas não são as coisas.

As coisas são as coisas.

As coisas são.

Pode ser estranho.

É estranho.

Mas eu gosto disso.

Justamente quando não preciso explicar

o inexplicável que é isso que eu gosto.

Gosto de morder teus lábios e sentir o gosto dos teus sonhos.

Gosto e pronto.

5

Noutro dia.

Noutro dia, por exemplo.

Noutro dia, por exemplo, fiquei observando.

Noutro dia, por exemplo, fiquei observando aqui do lado de dentro.

Noutro dia, por exemplo, fiquei observando aqui do lado de dentro, as pessoas.

Noutro dia, por exemplo, fiquei observando aqui do lado de dentro, as pessoas

que andavam.

Noutro dia, por exemplo, fiquei observando aqui do lado de dentro, as pessoas

que andavam pra lá e pra cá.

Lá do lado de fora.

Nenhuma delas lia ou escrevia poesia.

6

Sempre gostei de inventar coisas.

Inventar é uma tarefa manual do corpo.

Meu corpo tem muita sede de inventar. Precisa de surpresas.

Mais do que qualquer outra coisa.

Ainda ontem inventei um coração de pedra.

Só para o meu capricho. Construí um.

Por minha conta e risco.

Mas o amor é mesmo um ingrato, não se agradou da idéia.

Gosta mesmo é de ficar me infernizando o peito de carne.

É tão difícil dominar o amor. O amor é mesmo um sacana.

Um coração de pedra é uma grande invenção.

O amor não percebeu assim, paciência.

E de que me importa o amor? E pra que serve um coração?

Há os que vivem tão só dessas bobagens do coração.

Impressionante é o esforço que se faz para ficar apaixonado.

E depois padecer do mal do amor.

Espero que esse não seja o nosso caso.

Porque do amor sei quase nada.

Sou amador demais para o amor.

Amor pra mim é só um acaso.

... não é uma coisa que se coloca sobre o teu dia como um condimento sobre o teu almoço.

Um homem belo demais às vezes aperta meu coração (por isso um coração de pedra). Me mete medo. Sou sensível demais a selvagem perversidade da beleza. Ainda ontem, estavam perto de mim um dois três homens muito belos que doeu-me o peito. Toquei neles obscenamente. Ninguém resistiria não tocar. Mas eles tinham partes muito feias. Que por vezes eram pornográficas demais. Os dentes quase todos cariados. Parece que os homens feios são mais educados que os bonitos. Um homem feio, mesmo que sem pudor em algumas partes, é elegantemente sensível e sensivelmente inteligente (mais sensível e inteligente do que imaginamos). Os feios são mais bonzinhos. Só que nunca te tocam quando você mais quer ser tocado. Os bonitos são cópias ordinárias. Por vezes só te assustam. Homem mesmo tem que ter modos à mesa (ao comer peixe com espinhas, por exemplo). Principalmente com algumas extremidades do corpo. Só não suporto homem engravatado e (ainda pior) demasiadamente educado. É tudo tão entediado. Daí minha fragilidade no amor. Se pensou ser educadinho ou delicado demais, cagou tudo. Se pensou ser grosseirão ou esfarrapado, nem pensar. No entanto, existem outros jeitinhos. 7 por exemplo é um número fundamental na minha vida. Adoro ler uma coisa uma vez, depois outra, depois mais outra. Com um poema é assim. Sempre uma vez é diferente da outra. Sete vezes é o essencial. Acredito em tudo que aprendi até os sete anos. Até em Deus. Tudo o que vem depois dos sete é mentira. Aos sete anos entrei para a escola. Disseram que inventar um coração de pedra era besteira. Que era algo impossível. Sempre houve muita besteira nas escolas. Tenho cem anos. Tudo continua igual. E é por isso que eu quando crescer não vou amar não. Preferiria mesmo é ter um coração de pedra. Ser desumano. R.B que sofreu todos os desertos do amor, poderia ter baixado a cabeça e desacreditado na vida. Ou acreditado que estava fora de moda. Ou morto. Mas não. Certamente descobriu certas coisas que eu ainda não descobri. É seu único e simples prazer. O amor. Pra mim, talvez o melhor seja outra coisa.

É com um coração de pedra que melhor me sinto!

7

já não necessito mais de ti
tenho a companhia noturna dos demônios
que moram à beira da minha boca
e cospem flores no meu corpo
(é o diabo agora que me move e até me manuseia)
é repugnante nosso amor se perdendo inútil
aborrece-me e nauseia

não, não preciso mais de ti
mas se encaro teus olhos, meu corpo treme
desejo-te ainda

não, não preciso mais desse objeto repugnante e imundo
que se tornou o nosso amor

não, não serei mais visto por ti
deixo de estar disponível sempre que tu queiras
rasgo com minhas possantes mãos meu peito em pedaços
mordo sofregamente com meus dentes de vampiro a carne
macia e cheia de seiva do coração

não, não cultivo mais saudade por ti
já não posso mais te amar
eu te detesto
não há mais nada a fazer
não, não há mais nada

7

língua louca gaga que loucura dizer isso dessa
loucura da língua dela dado que isso essa loucura
do desejo da língua dela de ver ouvir sentir outra
língua dela disso dessa loucura de tudo isso dessa
loucura dela de deslizar gaguejar entre lábios o
quê como dizer como escrever vendo tudo isso
sentindo levando até o limite do limite do desejo
dela que deseja arrastar a língua dela a delirar a
língua que deseja tudo isso dela toda essa loucura
dela disso de como dizer como escrever toda
essa loucura dela disso de tudo isso do desejo que
deseja a língua dela como

RE[DES]CONSTRUINDO-SE



amor em fragmentos

[a perda do rosto]

Como termina um amor? O quê termina? Em suma ninguém – exceto os outros – nunca sabe disso... Eu mesmo não posso construir até o fim minha história de amor... O final dessa história assim como minha morte pertence aos outros.

Ao final do amor, certa paixão às avessas: exagerada sensibilidade ao que no outro (que está prestes ao desamor) não me convém, desagrada, entristece. A perda do rosto (apaixonado) é maior que a perda do outro: dismantelamento de crenças e convivência com o vazio: contato com o vazio porque todos são iguais: nas partes vazias do vazio. O nada que compõe o corpo. Sem rosto: sem olhar. Impossibilidade de ser afetado: menor capacidade para alegrar-se. Amor cego nos encontros e cego nas despedidas. Por amor ao rosto, o amor prolonga seu tempo, cria outro (tempo) mais espichado. Tempo extensivo: meses, anos, décadas. O amor cria a conjugalidade, casa com ela, dorme com ela, acorda com ela, comemora bodas e convida amigos para festejar. Tenta, sinceramente, fazer festa e não compreende sua tristeza. A fartura rodeia-o, nada lhe falta (parece). O corpo desejanste, no entanto, pede mais. O corpo desejanste do amor. Amor que não tem somente rosto, que tem também um corpo que lhe dá sinais do menos.

[delicadeza]

Mesmo provocado a isso: repartir o amor, distribuí-lo por merecimentos e dedicações. Finge não entendimento. Faz: distribui beijos, olhares, sorrisos. Seduz. Disfarça. Esquece. Sabe que está num jogo de vida e morte, mesmo que muito cedo, e que não vai morrer de verdade agora. Assim, cruza seus dias inventando, disfarçando e sempre querendo o que lhe parece mais útil. Certa negligência com o aprendido (nada educado que fica) faz com que se afaste das polaridades. Cria sua própria distribuição em ato.

[botões (cuidado)]

Ao querer preservar o outro e assim, o seu próprio amor, X cuida para que ele não se afaste muito daquilo que suportaria de diferente e tenta mantê-lo, esteticamente, dentro dos padrões suportáveis e um tanto distante das fronteiras do desamor.

Ao reparar-lhe o botão caído, oferece-lhe sua coleção. Y, ao perceber isso, mantém duas posições um pouco em suspensão: atento ao

convite, sem muito entusiasmo guarda para si a curiosidade e imagina botões coloridos de vários formatos, apesar de achar que X não usaria muitos botões coloridos. Diz que sim. E também resiste um pouco (sem ênfase alguma), para poder manter certo descuido e continuar a ser o que é e, sendo assim, ao não se subjugar ao total desejo de X, também cuidar do amor. Desses cuidados em três tons – de si, do outro, da relação – jamais se saberão os limites do suficiente para cada um.

[encantamento]

O enamorado, ao conseguir expressar aquilo que o encanta, produz no ser amado, ou no candidato ao amor, certa potência que irradia e dura um tempo indeterminado, horas, anos, décadas. Diz ele: “me encanta o jeito como olhas e te movimentas”. Fala de uma exterioridade, pois ainda não conhece interiormente o outro. Assim lhe dá um presente que é ele mesmo. Aquilo que ele não sabe de si. E a paixão começa criando sulcos neste exterior. Ou até mesmo: uma interioridade própria. Na paixão, desde sua origem, a ocupação primeira sempre será consigo.

[detalhe]

Tanto o apaixonado quanto o sedutor (que nem sempre coincidem) possuem uma visão microscópica para os pequenos detalhes do outro: um tom diferente, uma pequena desatenção mais do que (uma) atenção. A pronúncia de uma palavra, “um pequeno sinal adquirido”: Um contraste com qualquer outra coisa. Um murmúrio atrás da orelha: “Ai! doeu? ainda dói? ...a voz mais rouca... as lembranças acompanham até o fim um *latin lover*... que hoje morre de tédio”.

O apaixonado percebe esses detalhes por ser todo olhos e ouvidos: o corpo todo voltado ao seu amor. O sedutor aprendeu e apreendeu a técnica da sedução e isto faz parte da sua estratégia de aproximação: a dança na qual um se deixa prazerosamente e perigosamente levar pelo outro. E o detalhe é a partícula mínima de toda uma máquina posta em ação.

[gesto]

Quem ama acompanha com ternura os gestos do amado. Decora a seqüência de movimentos e deleita-se em observá-los em silêncio. Qualquer interrupção, nesse momento, quebra o ritual silencioso e quase incompreensível de que é feito a maior parte disso que se ousa chamar amor.

No amor, alguns signos assumem a maior relevância: os escolhidos pelo par amoroso. Qualquer mudança pode causar estranhamento. A flexibilidade ao estranho dá a esse amor o *quantum* de mundo que ele necessita para viver: é o corpo do amor intensivo. Se o esforço tem força dupla de afastamento do estranho, vive-se um amor morto, infeliz, normatizado: o rosto sério e carrancudo do amor.

Composto geralmente por vários desses movimentos, o amor tem uma estratégia de procura do estranho: o olhar.

Os olhos são o espelho da alma.

Ao procurar os olhos do amado, o apaixonado quer mesmo é ver a alma do outro e assim saber o quanto de si continua lá (espelho). Qualquer desvio no olhar, piscada mais rápida

de olhos, ou mesmo certa fixidez ocular já causam certo alerta. Algo acontece e é ainda pelo olhar, antes que pelas palavras, que se dá a tentativa de descobri-lo.

[espera]

A agonia da espera do outro que não chega nas longas horas da madrugada: dá-se menos pela ausência e mais pela colocação do eu, não no presente imediato, mas num futuro que está por vir: a chegada. Mesmo tentando ocupar-se e pensar noutras coisas, a pré-ocupação domina, imagina, fantasia, cria cenas, diálogos, solilóquios... Pensamento inquieto. Certo dia cai-lhe nas mãos um livro: *Não apresse o rio, ele corre sozinho*. Dizia o óbvio: só se vive no presente. O amor ao livro, que trouxe a realidade, o presente necessário ao viver, cura a agonia do amor ao outro que começa a ser desamado, sensivelmente.

[perdas]

Afastar-se de um amor por querer não parece coisa do apaixonado. Ainda mais quando há correspondência. Exceto se há um querer maior, pura necessidade, força maior que, desprezada, pode ser fatal. Afastar-se de um amor é afirmar o próprio amor como sendo completo, suplementar. Nada lhe falta, nem a presença. Aceitar o risco, muito possível, de que acabe, é a sua saúde, a beleza e a possibilidade do amor: antecipadamente aceitar a sua morte e arriscar que ela não aconteça.

[“segredinho sujo”]

Nunca se sabe o que fazer com o amor. Ao misturar amor e sexualidade (e quem disse que são separados?) e não acreditando na hipótese repressiva (onde o falar sobre já faz parte do discurso e não se caracteriza como repressão, ao contrário), ocorre: tentativa vã de combate ao segredinho sujo: conscientemente fazer deslizar o amor no fluxo corriqueiro das línguas e, ao fazer isto, produzir exatamente aquilo que afasta o amor de sua liberdade.

[charme]

Talvez seja a parte mais sutil da sedução, o charme. Aquilo pelo qual a sedução ganha corpo, se materializa. Pelo qual pode ser vista, admirada, idealizada. Por isso mesmo nunca há concordância: quem ama vê coisas no seu amor que ninguém vê, e fica-se sem saber se isso é coisa inventada pelo olhar amoroso ou se é algo próprio daquele que é amado. Para saber isso seria preciso uma convenção de olhares. Geralmente não se vai mais longe: tudo o que o apaixonado não quer são outros olhares para o seu amor.

[masoquismo]

O prazer de estar submetido, de não controlar. A liberdade de se tornar escravo. O indomável do corpo forja sua expressão no deixar-se domar. Humilhações, chicotadas, dor e sofrimentos impensáveis. Corpo surrado, organismo desmanchado.

Mas o que é isto? Que passa? Talvez o desejado seja menos a dor e mais algo próximo ao milagre de deixar de ser o que se é. Por um movimento singular entregar-se à, por vezes, perigosa, excêntrica, criadora, experiência de um novo corpo, que, mesmo com aparência frágil, acorrentado, pisado, machucado, traz em si a coragem insubmissa de chegar perto daquilo que a maioria tenta em vão desviar: a dor e a morte. O trágico.

[encontro]

Algo que não aconteceu na história, mas que pode ser inventado, imaginado. Um jeito de estar no mundo. De amar. Um olhar ao que constitui o amor. Ao que o atravessa (forças animais, cósmicas, inconscientes) e ao *como* compomos com isto. O modo como aprendemos a amar e o valor que damos ao amor. Seus estrangulamentos. Sufocações. Os espaços abertos. O deserto. A solidão. As liberdades ou saídas. Os vazios. Os encontros. As fugas...

As forças dos devires afetando o corpo do amor que somente quer ampliada a sua capacidade de afetar e ser afetado. Que quer

alegria. Visitar paisagens. Uma viagem ao que é útil, bom e necessário: o corpo do amor que se amplia como força que o tempo todo foge de ser capturada pela rostidade amorosa que se segue como um mapa. Mapa que não leva a lugar nenhum, impossível de ser percorrido sem que o corpo amoroso tropece, desvie, se perca.

Nos rastros do (corpo) amor, muitas vezes, destruição. Morte. Mas é aí que a vida se dobra. Ante o perigo da quase extinção. Desvia sobre si. Do mesmo. Do igual. Daí a possibilidade de vida. De saúde: do erro que não é o mal. Amor errante que viaja de carona no desejo, que força o amor ao esquecimento para dar-lhe novos poderes de afetar e ser afetado, desejo que por vezes vai embora e não avisa deixando o amor entregue ao rosto.

[póstuma]

Se eu morresse agora, talvez, estranhamente do meu amor te ocupasses.

E te porias a compreender o que teimas em não escutar, ansioso por alguém que te acompanhe passo a passo nessa aventura

combinada de pequenas coisas.

Eu, em liberdade pura, existiria ainda e brincaria de fugir eternamente.

[delicadeza]

A delicadeza quando toma um homem, por exemplo, camisa branca-mais aberta do que deveria-corrente no pescoço...Percebe-se de imediato: ali não há nada casual. Exatamente esse saber confere uma certa sensualidade ao fato. Se parece algo proposital, deve ser e provém justamente da sua natureza de artifício. A sensualidade, da hora também, não se confunde com a espontaneidade, da hora somente. Assim um corpo masculino acolhe em si um tanto de feminino: a delicadeza.

[intempestivo]

Às vezes um deserto se arrasta vida afora e parece que o tempo não existe para fazê-lo acabar. E de repente tudo o que não aconteceu irrompe de uma só vez. Pega-nos despreparados para viver: nunca se está pronto. Nem forte o suficiente para que não seja um risco suportar a falta de sentido que se gruda nas coisas. E mesmo para ter um corpo que não sucumba com tudo o que é forte demais.

E as suavidades... que acontecem a qualquer tempo! Como as desejo!

Desejos de menina que carrego em mim. Que me embala.

E que me faz sentir que posso amar a vida e tudo o que vive, porque assim me sinto amada. Por ninguém em especial. Especialmente pela vida. Quando ela cessa de me fazer morrer. Quando algo de alguma completude roça a alma e se sente: poderia morrer a qualquer tempo, agora.

[o último fim]

Um dia, acontece. Ao olhar o outro, se é tomado de um excesso de realidade absurda, incomum, e que bem poderia ser chamada lucidez. Uma seqüência de olhares, uma inclinação de cabeça (acomodação visual), pequenos sinais (os de sempre) desenrolam-se passo a passo. Absolutamente nada mudou. O outro segue o seu ritual: sozinho, desavisado. Hora de ir embora. E não olhar para trás. Pode-se crer que o amor termina quando alguma coisa muda num ou noutro. Curiosa experiência de vê-lo fulminado com um raio do mesmo.

[cartas]

Ao escrever uma carta para seu amor, o apaixonado, se esta carta não for enviada imediatamente, provavelmente desistirá do intento. Motivo: o sentimento amoroso é recoberto de uma atualidade que permanentemente lhe acrescenta algo. O que foi escrito parecerá como menos e não será digno de ser enviado. O apaixonado luta constantemente com a linguagem, onde não cabe o seu amor. Ao mesmo tempo, delicia-se em reler as cartas recebidas e parece-lhe que ali está: tudo.

[mensagens]

Mais possível que o apaixonado deste início de século 21 afogue o seu amor em e-mails e torpedos: tentativa de completar aquilo que nunca poderá ser dito.

[desejo]

Só o desejo inquieto, que não passa,

Faz o encanto da coisa desejada

E terminamos desdenhando a caça

Pela doida aventura da caçada.

Veloz e a galope sobre o desejo, por vezes o amor vê-se só, desprovido de corpo. Não se confundem os dois (amor e desejo). Há um desejo próprio que é só do amor: sua secreta

vontade de continuar existindo. O desejo, por sua vez, não lhe pede licenças para chegar, tampouco se despede ao ir embora. O amor fica por si vagando e vazio, indefinido: daí aquela vagueza de sentimentos que nos pega de repente e coloca uma dúvida persistente à qual se tenta não dar valor (como poderia haver vazios no amor?). Depois se vê (quando – e se – ele volta) que era somente uma rápida retirada do desejo, este sim, indomável, imoral, inquieto.

[irmãs]

São todas aquelas que poderíamos ter sido e talvez isso explique esse amor tão terno, quando há, ou esse ódio de não exclusividade, que insiste. O “poderíamos ter sido” é apenas uma brincadeira boba: não poderíamos ter sido nada diferente do que somos. Melhor, somos do jeito que deveríamos ser. Ainda: não existe “deveríamos”, ou “deveria” (futuro do pretérito: onde fica isso?). Ter irmãs é compor uma irmandade, sem referência a qualquer sentido religioso. A energia do feminino que circula nessa irmandade que inclui a mãe, mas não a coloca num lugar central, é avessa

(vai a contrapelo) às organizações formais familiares, onde o falo (nos dois sentidos) é a força dominante. A divisão do humor – sessão de divisão do humor – era o que acontecia sem ter sido combinado nada, nunca. Um absoluto se formava ali e depois se desmanchava, até...

Curioso era o chamamento: “preta” que se distribuía em três tonalidades diferentes e cada uma sabia – não sem confusão, por alguma distração, quando era a sua vez.

[etiqueta]

Aprende-se a amar como se aprende bons modos à mesa: “você deve...”, “à esquerda...”, “quando um homem...”, “o copo ao lado do...”, “no segundo encontro...”, “e os talheres...”, “falar do amor antigo...”, “servir-se pouco...”, “não falar muito...”, “ao repetir...”, “de uma mulher...”. Assim poderá dar casamento (o fim do banquete). Impressionante o esforço que se faz para ser infeliz.

[triângulo]

Parece que o triângulo foi a figura escolhida para encerrar e delimitar os processos afetivos, sejam eles sexuais ou amorosos. Edipianamente, desde cedo, a castração: do mundo. Amorosamente (sem oposição à amorosidade do loqü), as relações em corredor (eu x tu) esforçam-se para manterem-se assim e o triângulo é o perigo iminente (o seu fora) e tudo o que se cria é apenas uma aresta. Como o amor não se contenta, cria-se outra figura: o quadrilátero. E só para começar.

[declaração]

A declaração de amor, hábito lingüístico (repleto de palavras doces e muitas palavras estranhas, inventadas), acaba sendo hábito do desenrolar do amor na sua cotidianidade. Por vezes é transbordamento silencioso, mas o apaixonado suporta pouco esse tempo espichado sem sentido (cola o sentido nas palavras e não desgruda e nem descrê). Quer ouvir aquele tom sussurrado e não abre mão disso. Esperto.

[persistência]

(Teve uma pequena experiência da não universalidade do amor, lampejo instantâneo). Resiste: “comprarei um gatinho”.

[onde?]

No fim do juízo

começa o amor:

fati.

Fato.

[ao acaso]

No amor, o que é feminino acolhe, recebe:
continente.

Quase nada dá. Feminino que foge de gênero,
dualidades, papéis.

Que é de um, de outro

...da vida que vai passando...

[presença]

A maneira sutil com que o amor se aproxima
e cresce pela presença do amado... aos
poucos. Isto começa devagarzinho... na

ausência inquieta, no deleite das imagens que
marcam o corpo e retornam sem cessar. Na
busca da quietude para se fazer acompanhar
pelas imagens e rever as marcas: assim é que o
apaixonado compreende o que se passa com seu
corpo (a sua revolução): o mesmo encantamento
com um sabor (de solidão) nunca sentido. A
novidade amorosa *in corpore*.

[lembança]

Quem ama faz uma marcação: sim, (o outro) pensa em mim agora, pois estou também a pensá-lo. Pensamo-nos coincidentemente juntos, por muitas vezes. E isso não é uma lembrança, apenas, mas presença constante do próprio amor que, por vezes, extravasa o corpo e desponta na mente: porção mínima de existência do outro que carrego em mim.

[vinho]

A existência se afirma quando assume sem melancolia a sua morte que é certa. Ninguém foi enganado. Escolhemos nossa natureza ao persistir nela. Por isso se nasce. Se nasce dançando sem saber bem de onde. Se nasce tonto. A primeira bebida, já se vê. Não é tanto o leite quanto o vinho. Nasce-se sempre com Dioniso. Deus que nos acompanha e abre as portas. Pernas. Entranhas. Onde começa a vida.

[flamboyant]

A idéia da morte parece ser ruim. Já a própria (morte) não é boa nem má. Reserva-se o direito de apenas ser. Pensando apenas na idéia da morte, da minha morte, penso-a (ah! como eu gostaria) lentamente: me decompôr sob a sombra de flamboyants. E que minha morte alimente a beleza. Mas isso só vale para a morte enquanto idéia. Depois não há mais querer.

[suporte]

Nada prova contra o amor que o objeto amado nunca tenha existido.

As pessoas que amo, seja por ter aprendido a amá-las, ou pelo amor ter se imposto entre nós, carrego-as comigo pela vida. Cada encontro desses me ensina a viver. E elas, vivas ou não, ainda existem porque o amor não precisa mais do que um corpo para continuar existindo. Vivo amo morro diariamente e meu corpo é o grande suporte de vida: ladrão de tudo o que pulsa...Quando eu morrer um mundo também morrerá.

[o amante]

Saber que se ama não faz necessariamente parte do amar (ou do amor). Ele (o amor) cresce ou morre a seu tempo, deixa ou não vestígios de existência, pode ser eterno ou fugaz. A dúvida não aparece a quem não faz perguntas: por vezes elas repousam no fundo da alma escondida embaixo de uma intuição que diz: esquece. A certeza...pode vir numa música.

[dor]

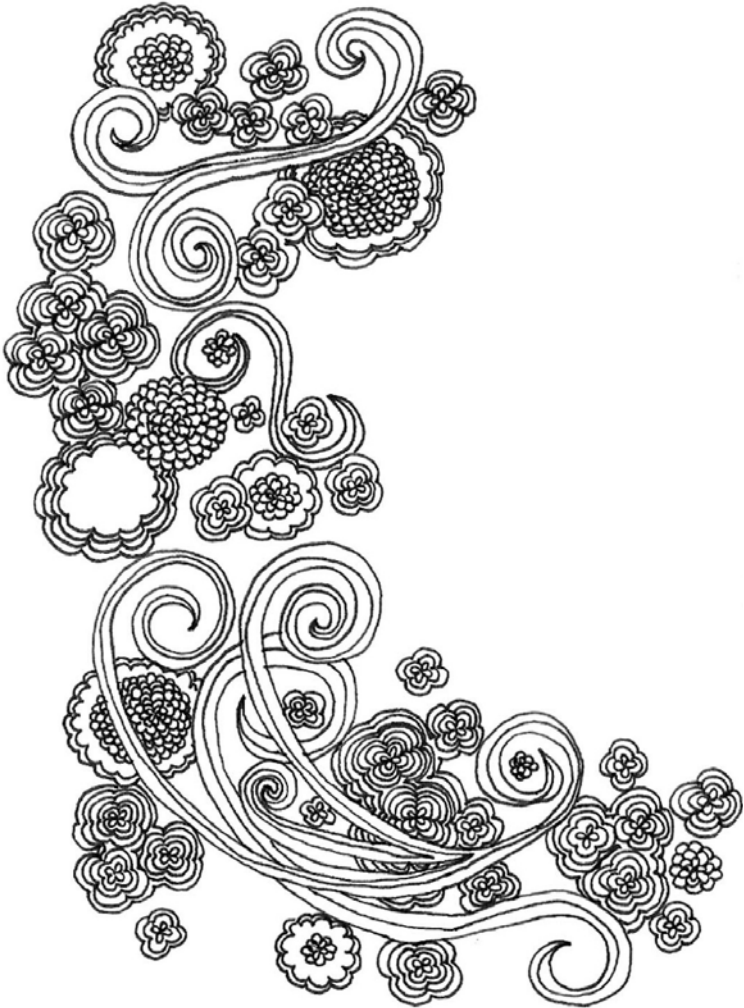
A dor (não o desespero) só faz aumentar o amor, ou pelo menos, o deixa intocável, já que: a dor nunca é de amar, mas de estar só.

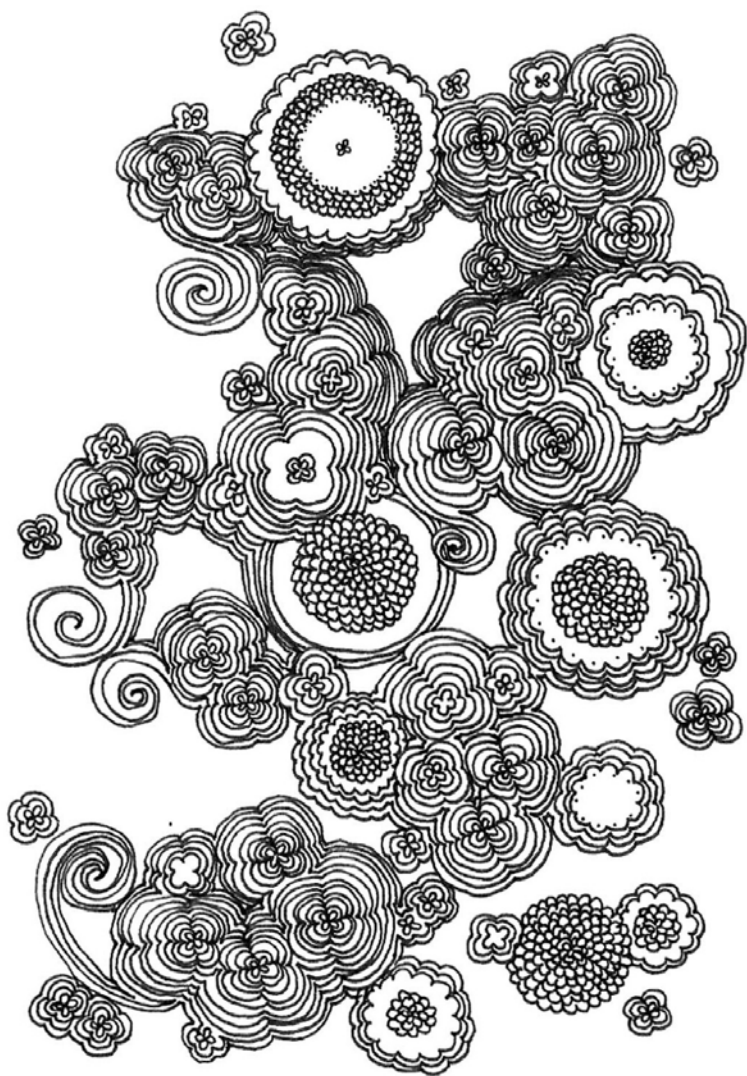
[bem me quer]

mal me quer. bem me quer. mal me quer. bem me quer. mal me quer. bem me quer. mal me quer. bem me quer. mal me quer. bem.

que menina não conhece a trapaça das florezinhas amarelas de pétalas brancas?







O Rosa das Infernais

1. Manifesto

Clausura em espetáculo. Práticas do mal *in performance*. Crime perfeito não existe. Matar deve ser bom. Mas tenha cuidado! Se condenarem tua alegria selvagem, não enfraqueça a polifonia dissonante da vida. Uive como um cão. Esqueça do bom senso. Exalte os assassinos. Roube mais de uma vez. Não resista. Desate teus temores. Desamarre ardores. Liberte o êxtase. Seja falso com boa consciência. Sinta prazer pela dissimulação. Sinta o poder que de você emana. O poder da sedução. Adapte-se a todo tipo de pessoa. Desenvolva o instinto de passar por situações constrangedoras imune. Saia pela escada de serviço. Vire o casaco. Mude com o vento. Imite. Decore papéis. Aprenda a mentir. Esconda a carne viva atrás da pele. Tome excitantes para se energizar. Fume narguilé para relaxar. Elas fazem o que vocês não fariam. O que ninguém mais faria. Elas podem tudo. Infinitas são as metamorfoses. Cospem sangue esquecidas num lugar nenhum. Não são artistas, estrelas de cinema, divas do teatro. São mulheres em cárcere.

2. Sortilégios

Numa prisão, três mulheres e várias traições. À deriva, quase destruídas, Leila, Julia e Telma encontram-se em solitárias num presídio feminino. Mulheres em fluxo sem governo algum inventam verdades e possíveis novos erros. Assoladas, em nada lembram as gloriosas noites de crime de outrora. Forças em travessia, esta tríade de heroínas ao avesso recua pelo deserto da esperança. Às vezes são os pequenos delitos e proezas que as unem. Demoníacas, outras muitas, paixões inconseqüentes. Crimes passionais de mulheres que nunca foram tão livres como agora. Encantadoras de serpentes distribuem intensidades com seus afetos abafados. O jogo cintilante do esgotamento. A exaltação deslumbrante da solidão. Carregadas de erotismo e santidade, ninguém sabe ao certo quais laços mantém intacta a amizade do trio. As insistentes marcas em

volta de seus crimes criam manchas combatentes. Uma lira dos excessos. Sem nenhuma porta ou janela que se abre. Nenhuma concessão será dada. No entanto, com olhos insones, na inquietude dos corpos, avançam no escuro pela noite abissal a fim de aplacar o tédio e apagar a culpa. Permitem-se prazeres aos tropeços. Não ignoram o pressentimento das paixões. Corpos crivados de intenções: fendas e pernas se raspam; peles se tornam abrigos provisórios. Línguas, coreógrafas de sucesso. Clamor de delícias. Enamoram-se segredando em paredes riscadas de amor e ódio. Saboreando obscuridades e preferindo mais a noite do que os dias. Não importa mais o acontecido, mas os desejos latentes e inevitáveis do aqui agora. O foco está no passageiro e no acidental. Sucessivas noites. E sempre no dia seguinte, o refeitório vira ringue. Há sempre um novo conflito. O vigilante Ciúme - o adorável deus sombrio não estava fora da cena e as observava salivante. Em maior ou menor medida ele atinge uma a uma com sua baba. E planos de fuga são mastigados, engolidos e por fim esquecidos como grãos de arroz fora do prato. Desatreladas marcam o território com o salto agulha vermelho. E defendem-se com a boca, língua e o cotovelo-estilete. Cospe sangue a furiosa rainha Especta, carnificina do tempo. Ainda assim e por isso também são malvistas e temidas. Inevitável é o estado de opressão depois do término de mais um dia de galo. De agora em diante, só resta resignar-se ao inferno cor de rosa. Inútil pensar no dia seguinte. Nem os ressentimentos nem os novos pecados irão impedir a morte do instante. Viagem sem volta. Partida sem final. Jogo sem moral. Atração fatal para o mundo do crime. As infernais, presas no carretel dos ardores, se tornam cada vez mais belas na miséria de suas vidas erráticas. Constelações soterradas de vazio. Caçoam do bem, pois do mal extraem mais certezas.

3. Breve currículo

LEILA

1. No universo que se abre com meu esgotamento sou fora da lei. Vou para além da moral e dos bons costumes. Os movimentos são contrários. Inversos do esperado. Como uma atriz sem ensaios, sou experiencial. Ladra opcional. Estou à procura dos estados de exceção do corpo em crime. Intensidade fora do lugar comum. Do gesto esperado, premeditado. Que surge dos intervalos.

No instante da afirmação do ato de roubar. Quero deformar a imagem da ladra. Para além de todas as evidências.

2. Entrar no refeitório. Parar no meio, ao fundo. Deslizar numa diagonal para a superfície da cena. Ou então ir das margens ao alto. Voltar para o canto pelos muros. Retroceder, ir à outra direção. Imitar, roubar. Colar e sobrepor. Suspender a respiração. Tudo isso para se esconder dos olhares. Arrebatado o obscuro. Sempre à espreita. Apenas surpreender e nunca ser surpreendida.
3. Um pensamento de fora e tudo estará perdido. Não há permissão para a dualidade. Não existe meio termo neste palco. Um ou outro ou aquilo. Corpo e mente e espírito é tudo vindo a ser. Noite Abissal, hipnótica, inevitável e encantada. Atravesso um outro dia sendo apenas um meio. Ser em processo.
4. Chegar da rua com mãos vazias é puro desalento.
5. Entrou no refeitório. Queria verificar se Julia estava lá. E estava. Fizeram como na semana passada. Enquanto escolhiam o arroz checavam mais uma vez o plano de fuga.

TELMA

1. Ainda deitada, notou pela janela que havia sol lá fora. Alegria pequena.
2. Sempre tive medo de voltar a amar. Medo de histórias que se repetem. Jamais esquecerei que amei o homem errado.

2. Mas com um novo amor não se pode lutar. O amor age e eu não sei resistir.

3. Não vou mudar tua vida nem o mundo. Não sou feita para isso. Nem eu nem todo meu amor poderá mudar tua vida. Mas se a senhora Moralina entrar pela porta da tua casa e tentar te vender receituários de vida digna, ela a estará o enredando. Ela vai querer melhorar o mundo. Mas tu és o que é. Assim como eu sou o que sou: anti-heroína, passional, dionisíaca, assassina. Plena com minhas vontades. Combato entre elas e não contra. No cárcere digo sim para a vida que escolhi.

4. De novo Julia me arrebatava. É ela que põe meu corpo a tremer de desejos nunca satisfeitos. Inconfessáveis. Serpenteando fogo e enlaçando-me com suas asas de mulher santa.
 5. O confronto não é direto. Nenhuma diretriz ainda a seguir. Somente desejo. Vivo de intensidades. Humores. Atiro-me no abismo da paixão.

 6. Jogo de Amor e mortes. Outra noite ainda e a vida no presídio tem de renascer das cinzas. Fim de partida, tática da arena. Reúno meus pedaços em nova charada. Mas não permaneço de pé sem a ilusão da repetição. O espetáculo nunca para, se desdobra. O presídio não é coisa do efêmero. O palco sim é lugar provisório. Sempre em vias de ser abandonado.

JULIA

1. Pedi dinheiro para ir visitar meu filho. - Na minha vida ter filho foi criar a minha morte. Não pude viver

duas vezes como a fêmea faz ao conceber. Matei logo após o parto.

2. Foi torpor, embriaguês. Deslize. Sopro de morte. Mas não havia nada por trás da bruma. Nada a desvendar ou descobrir. Nem devaneio, nem Ariana. Somente mais trevas.
3. O que estimula, atravessa e faz amar? O que mobiliza, produz potência de vida e emerge dos intervalos? Em gestação, processo. O que acontece nos entreatos?
 4. Ser bom ou ser mau. O erro não é meu. O erro não é teu. Não me condene tão rápido. De nada valem tuas acusações de baixaza. Ao diabo com teus falsos julgamentos. São reivindicações do impossível. Não há paz nem trégua na vida. Ela fere com violência.
5. Por acaso ao final de uma peça a atriz que fez a vilã carrega culpa por isso? Depois de se despir do figurino, tirar a maquiagem, ela ainda se julga desprezível? Então por que eu haveria de agir assim?
6. Escolho papéis. Represento o mal. Permito variações. Transgrido as regras. Traio o personagem. Fujo do enredo. Mas não tolero condenações. *“Ser bom será então: identificar muito facilmente e muito rapidamente. É, portanto uma metamorfose, igual a do ator.”* (NIETZSCHE, 2001, p. 23).
7. Entrada da igreja incendiada do Presídio Madre Pelletier, 2003.



REFERÊNCIAS

GENET, Jean. *Nossa Senhora das Flores. Apresentação de Jean-Paul Sartre*, tradução de Newton Goldman. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

NIETZSCHE, F. W. *O Livro do Filósofo*. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. 3ª Ed. – São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Trad. Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

**in
sens
ato**



s c h a f f u n g
d e s l e b e n s

no século xvii, o naturalista jan baptiste van
helmont (1577-1644), de origem belga,
ensinava como produzir ratos e escorpiões a
partir de uma peça de roupa suja de mulher,
germe de trigo e queijo, aguardando vinte e
um dias. ratos e escorpiões eram
atraídos pela mistura.

ATMOSFERAS

O QUE PODE UM ESCARAVELHO NO ESPELHO?

Patinhas seis, escorregando levemente, passo duplo, passo duplo, três vezes, pra cima, nunca pro lado, nem caranguejo, nem casca. Patas fixas, aderentes que parecem possuir cola, tenaz. O velho escaravelho morre, pois assim quer Khepra, exemplo de uma cosmogonia Heliópolis, um homem, acreditem, com um escaravelho na cabeça. Amuleto, creiam, dos vivos e dos mortos. Isso se passará bem pra nós, não digas mentiras contra mim. Os amuletos não mentem, desde os faraós é assim. E, depois disso tudo, acreditem, alguns acreditam, nem fêmeas possuem.

NATUREZA FORMIGANTE

Suas pernas perderam a sensibilidade. Ficaram penduradas por muito tempo para cima. Uma natureza pra lá de deslizante, quer dizer, formigante. Por que não deixar as formigas andarem pelas pernas? Seria uma sensação muito agradável se não fossem animais. Você sentiria suas perninhas levitando pela superfície da pele. Veria que não pesam nada, além do mais muitas nem possuem veneno. Seria uma sensação agradável se não fossem animais, porque muitas vezes são feitos tratamentos a base de formigantes, mas sem formigas, só com a sensação da formiga. Mas se elas estiverem caminhando a sensação seria real. Além do mais a pele não pesa como uma perna, você perderia o peso da perna e ganharia a leveza da pisada do animal. Suas superfícies estão abertas? As janelas da alma? Por que uma formiga faria tanta diferença num mundo tão cheio de formigueiros. Você ficou com coceira? É um bom começo. Seus poros podem falar alguma coisa que não seja somente cheiro. Além do mais fique atento as que estão bem ao seu alcance: no açucareiro.

AMADOR DE SIGNOS

Queres uma estrutura, um corpo de artista, uma vela acesa?

Estrutura?

Signos e significados?

O corpo do artista fricciona-se no corpo do texto.

Quase são a mesma coisa sem ser.

Semiologia?

Não sei responder. Nem tudo possui resposta.

Para amar são necessários símbolos. Alguns usam a poesia.

Erro.

A poesia não serve para amar.

A poesia é ledão engano, escorrega ao caminhar.

A poesia não diz, ela é.

Portanto amador não ames tanto, teus signos irão se esgotar!

Tua estrutura irá corroer, teus signos perderão o significado.

Em compensação nunca amaste tanto!

COISAS COLETIVAS

No corpo coletivo dos sintagmas o “signo”.

No corpo polissêmico do signo, “lexias”.

Como o texto é letra morta, o crítico deve trabalhar o cadáver, cortar o corpo morto em vários pedaços textuais e trabalhar o “cadáver do texto” até vivificar suas partes torná-las linguagem-corpo no corpo-linguagem.

Uma vaga semiologia, busca de anacoluto, esdrúxulas frases.

Brincadeiras de escrever.

Aventurar-se ao acaso para ser devorado pelo não-sentido.

Mas falta algo, algo de falta, já que precioso é decidir, julgar e classificar.

Como pode seu corpo estar aí e não estar aqui, no texto?

No corpo coletivo dos sintagmas?

No corpo polissêmico do signo?

CONOTATIVAMENTE COMO EXCREMENTOS

Quase choca

Escatológico

Embaraçoso

Quase descontínuo: “A assinatura”

Quase nossos: “corpos insignes”

Uma bofetada

Repugnância à la Sade

Poética teológica

As grandes lexias: “O corpo”

O que era pra ser polissemia faz referência, o que tinha traços resinosos aparece claro na palavra. Mesmo assim vertigem é aquilo que não tem fim.

O que faz referência o faz até mesmo ao cu.

DUAS OU TRÊS CERTEZAS

Uma beleza, ligeiramente horrenda

Um horário, ligeiramente impreciso

Uma boca, ligeiramente torta.

Assim tu te instalas em meu peito

Precisamente no instante marcado

Ligeiramente fora do eixo

Por agora, nesse instante

Vou desvencilhar-me de ti.

Como se pudesse uma certeza talvez duas

Deixar de ter certezas.

Como se pudesse uma duas horas

Deixar de ter horários

Como se pudesse um ou dois amores

Deixar de amar.

REGIME ONDE OS PRONOMES PESSOAIS SÓ FUNCIONAM COMO FICÇÃO

Digo eu e é por que quero. Quero digo eu, mas a subjetivação está bem longe dos pronomes que aqui descrevo. Quero, eu, uma semiótica mista, onde eu queira dizer eu e a significação ou a interpretação percam a pele. Quando me alimento, quero dizer nós, da interpretação impomos um rosto significante, exalamos um sujeito.

Mas não quero mais dizer “eu”.

Como será sua mudança atmosférica?

Leia um livro, você é um discípulo.

Quero dizer “ a linguagem é caso de política antes de ser caso de linguística”(Deleuze).

ARQUITETURA DE PALAVRAS

Projetado traço foi até a altura. Parou. Desceu em ziguezague.
Deslizou na base. Triângulo amoroso. Reto. Cortado na hipotenusa não aceita. Incalculável.

LINGUAGEM TOTAL: CREMOSA, CROCANTE...

Outro dia deu no jornal: “Mandaram comer a língua”. Mastigando a letra. Seria como uma moda atual especialmente dos linguistas que hoje estão nos jornais. A língua, não o órgão. Mandaram comer seus comentários. Foram classificados como impróprios. Alguém disse: ninguém sabe falar, no máximo repetir o que já foi dito. Outros dizem não sabem escrever, escrevem o que já foi escrito. A língua linguagem perdeu o sabor, dizem. Qual sabor possui a língua? Não o órgão, a palavra. Uns dizem é cremosa outros dizem é crocante. Outros dizem: é tudo e não diz nada. Como saber qual jornal estava certo? A linguagem que aprendemos é total, totalmente sem sal. Às vezes uma pitada deixa tudo sensacional. Pitada, aliás, que gosto bom de dizer essa palavra. Pi, ta, da. Outras possuem tais sons, acordes aveludados. Um veludo, outro som incrível. Ve, lu, do. Essas palavras soltas são tudo, dizem muito sozinhas. Sós. Como pode o sabor perder-se ao mesmo tempo em que tantas palavras são trocadas. Ontem o silêncio quase morreu? Mor, reu. Mas o silêncio está aí grudado na palavra ao mesmo tempo em que soa. Soa Crocante. Palavra crocante, por causa do r. Por que lembra sabor também. É quase impossível dizer crocante sem sentir um crac na boca. O crac no ouvido repentinamente... Até fazer sentido, depois, perde o sabor. Volta como som especialmente elegante. Como é sedutor ser elegante!

e s cri a tura

escritura

escreve criatura!

e cria a tua

escreve e atura

a tura.

parênteses abre

corpo que renasce a cada novo gesto, essa é a escritura.
corpo que cai ao chão e, despedaçado, descobre o que
não sabia poder sentir. a língua é um choro sem lamento.
corpo acrobata movendo-se até o impossível ou jejuador
na economia de movimentos, em ambos os casos, é de um
esforço que se trata, é também de esforço que se sustenta
o equilíbrio. corpo, de qualquer forma, deformado, pois
imprime uma nova forma a algo que era fórmula. a escritura
não é de praxe.

parênteses fecha

mas virá, após o equilíbrio, o tempo para que as mãos
tremam? será a página rasgada por algum desequilibrado?
após o equilíbrio e o esforço um momento fugidio e uma
necessidade que sobe pelas veias, move as vísceras e com
um corpo pesado arrasta a pena.

ver
vez que outra
o corpo apenas como
vestido
(viúvo)
caindo
vez que outra
o corpo é apenas um
vestido
(viúvo)
caindo
ver
da
de
se
ida
apenas
as voltas
no vento
há penas
às voltas
no vento.

sobras e sombras

tudo tão amarelo, tudo tão amarelo daquele amarelo das lâmpadas de cem watts, as que têm em todas as casas e que não chegam a iluminá-las.

tudo tão comumente amarelo até que olhos levantam-se levemente do livro e sentem o silêncio. sentem o silêncio dessas sombras.

vive-se em dias silenciosos. silenciosamente abraçados. contíguos.

cada um com seu olhar perdido nesses dias de cheiros que ainda não se sabem.

os cheiros, sabe-se-os amanhã.

dias silenciosos que agradam o tempo. faz-se de uma casa uma toca onde coisas ares bocas entram e saem ...trocas.

olhos percebem tudo isso nesse leve afastamento da página do livro.

sentem o tempo, sentem o átimo em que se vive, sentem uma atmosfera.

atmosfera amarela e silenciosa que se nutre de pão e café.

atmosfera amarela, dentes amarelados, amarelo de olhos cansados.

tem-se pouca vontade, as distâncias parecem aumentadas.

o mais agradável: divisão de camas, dispersão de peles.

está-se tão longe!

e ao mesmo tempo quase se confundem os ares. rarefação de ares: armas águas ácaros.

está-se suspenso!

flutua-se no ar pesado esperando um troféu ou um machado que jogue tudo

para o alto

ou para baixo,

falsamente

para o alto

ou para baixo:

o amarelo das cebolas queimadas do cigarro acabado, o amarelo do prédio ao lado, o amarelo de um fim de tarde com sol depois da tempestade.

o céu que sobre

o céu que só

obra

o céu que se abre

sobre o que

sobra.

ele bem que entendia que a coisa era assim porque era, mas não queria que fosse. ele me olhava com aquele olhar verde cheio de cílios e sorria ... sorriso meigo com aquela feminilidade que todos o acusavam de ter ele era o mais escroto e o mais doce ... forma escrota de sobreviver, auto-suficiências para agüentar solidões e marcas no corpo de quem mais sente... o corpo grita, pede socorro, mas ele grita mais alto e ri... ele rodopia e dorme com seus amigos bêbados, da amarela! da amarela! dessa pinga a noite inteira! e as coisas eram assim como deviam ser... não sabíamos ver diferente... ele olhava sempre com aquele olhar verde e cheio de cílios e eu com meu olhar de peixe morto, peixe morte, peixe mote, eixo mole... quando o eixo ficava mole a gente perdia o equilíbrio e o controle já tinha ido com a pinga... a tal da realidade sempre dissimulada, sempre mostrando-se às sombras (a luz, a luz daquele quadro barroco vista somente, posta às claras, entregue, descoberta pelo preto), escura, a pinga engolida já preta de tanta imundície, mundice... quanto mais mundo, mais sujeira, já viu? já viu que se eu pifo eu não cago? A produção excessiva de lixo, a produção excessiva de lixo e blá blá blá, tudo que é produto já é lixo... já e de jogar fora ou de usar só por um pouquinho (e jogar fora), por isso o medo do fato... quanto mais dissimulada mais real? dura a medida de sua dissimulação, a realização já é o caminho para a lata de lixo.... por isso ficamos no meio do caminho. De amarelo, só o elo elo eco perpétuo (elo perpétuo, aliança até a morte não!) perpétuo socorro... ele olhava a vida com aquele olhar grandão e eu ali me fazendo de alegrinha... porque esse era o lugar presenteado, o lugar onde todos os presentes desembocavam... onde todos os presentes estavam destinados a fenecer...

ser só é ser sombra

o ser é sombra

só o que sobra

ser só é só ser

sem ombro

só o choro

sempre só

só um sopro

onda e obra

o som do seu andar

é sem sombra

ser sol é ser sombra

quando as marcas roxas no corpo
já nem mais vermelhas estão
prestes a desaparecer
são daquele amarelo que
quase nem mais marca
quase nem mais marcam
quase nem mais marcas
são amarelas
(mancha quase clara
desaparecendo)
quando a dor nem mais marca
tem
é dor maior
o que é amarelo
é o que se espalha
na pele
corrói
o que não desapareceu
o amarelo
da quase não mancha
(ferimento verdade eterna)
que não se vai

meu amor, meu querido amor, por que tenho que te ter inteira? quando inventaram um amor assim? quando “de corpo e alma”? quando totalmente, completamente? quando toda minha? te quero meia. quereria o canto da tua boca. uma pinta, uma veia. quero o espaço entre o fio do cabelo quebrado e o andar desacelerado da volta que ele faz em tuas costas. quero tua nuca, mas não teu colo. quero teu queixo, sem teu olho. te quero pela metade como uma língua da qual só apreende-se o essencial a alegria ou o passo lento. quero só teu acento, tua cadência e teu sorriso. te dedicaria assim um meio pensamento carta amarelada em letra apagada pelo tempo numa língua pela metade. fala de meias verdades (lambe teu quase corpo inteiro). porque tenho que te ter inteira língua se podes ser jogada fora? quando posso, quando quero, te jogo e te insulto. uma meia língua feita de restos de línguas inteiras (uma meia língua para calçar no pé) para encontrar o que ainda não sabemos (definitivamente a sola do pé é difícil de se ver). corpos pela metade, para falar do que está no meio (casas abertas para falar de um átrio). escolheria (por acaso?) pedacinho daqui pedacinho de lá. do português o arrastar-se, do italiano o riso, do inglês a precisão, do espanhol a força, do francês... o *brie*, o brio. comida viva. linguagem morta-viva devorada. comida em partes, um prato novo. regurgitado. mas não, não é uma fórmula, é (apenas) um desejo mal formulado. meu amor, te quero, mas te quero retalho e lembrança. quero o que fica depois do esquecimento. depois da fala. no silêncio.

seu som é sem sombra

ser sempre

assombra

sobra

ser sempre sombra

obra

dobra

onda

Histórias de observatórios



Para colher chuva

Para colher chuva em campo aberto:
Escolha o maior papel que encontrar.
Chame outra pessoa para ajudar a estender o papel.
Uma de cada lado, estique e espere a chuva.

Para colher chuva de dentro de seu pequeno apartamento:
O papel pode ter tamanho A4 ou até menor.
A observação será feita pela janela.
Você não vai precisar de outra pessoa, basta estender o braço
para fora da janela segurando o papel.

Para colher chuva no mar:
Tente boiar.
O seu corpo é o papel.

Para colher chuva no deserto:
Esperar precipitar.

Para observar a neve nas montanhas

- 1) O tecido pode ser o filó ou tule, em torno de 3 metros. Se o tecido for branco, você poderá observar as diferenças entre o branco da neve e o branco do tecido. Essas diferenças podem ajudar a criar um horizonte.
- 2) A observação será feita em alguma cidade de montanha.
- 3) Você precisará de outra pessoa para ajudar a esticar o pano.
- 4) Espere a neve.

Observatório de sereno

- 1) Para construir um observatório de sereno você vai precisar de:
 - a) alguns metros ou centímetros de filó branco em formato retangular (o tamanho do tecido varia de acordo com o tamanho do espaço que você tem)
 - b) duas estruturas de mesma altura que podem ser de metal, madeira plástica ou outro material. Estas estruturas servirão para esticar o tecido e devem ser colocadas frente a frente com a distância entre elas determinada pelo tamanho do filó)
 - 2) Amarre as duas pontas do filó a uma das estruturas e depois as outras duas pontas a outra estrutura de forma que o filó fique esticado o máximo possível.
 - 3) Coloque a estrutura para o lado de fora da sua casa: varanda, calçada, jardim
 - 4) Crie uma dinâmica de observação: de duas em duas horas, de hora em hora, etc: ou permaneça todo o tempo ao lado do observatório observando
 - 5) O início da observação acompanha o início da noite, ou seja, a primeira observação deve ser feita ao escurecer. Também é interessante observar assim que o sol começa a nascer: é quando o sereno começa a se desfazer. Entre a primeira observação (ao escurecer) e a última (ao nascer do sol), pelo menos uma observação é necessária
- É neste entre sóis que o sereno atinge seu auge



Mayra Martins Redin

Para fazer um palimpsesto de maresia

1) Observar:

- a) O ciclo da maresia. Sua projeção: mar - litoral.
- b) Oxidações ao seu redor
- c) A névoa

2) Sentir pela pele:

- a) O cheiro
- b) O gosto grudento salgado

3) Procurar um vidro e um suporte para o vidro. Pode ser, por exemplo, uma janela ou uma mesa de vidro

4) O vidro pode ser instalado respeitando um certo grau de inclinação vertical, para que seja como uma barreira - uma fatia de barreira, um corte no ciclo, para que ali a maresia se instale.

5) O vidro deve estar inicialmente limpo

6) O tempo de exposição do vidro é variável. Quanto mais tempo, mais maresia se alojará sobre a maresia já alojada. Sucessivamente e continuamente

7) A experiência pode durar dias caso você tenha um lugar seguro para deixar o vidro ou caso tenha tempo para permanecer ao lado dele. Você observará sutilmente a sobreposição da maresia dia após dia (ou noite após noite)

8) Suponho que o sal seja o elemento predominante na maresia

9) Para que a maresia aconteça é necessária a ação do vento

10) É indiscutível a ação do sol, da lua e até dos outros planetas sobre as águas da terra

Fluxo da maré é água que se movimenta.
Enchente-vazante

Mayra Martins Redin



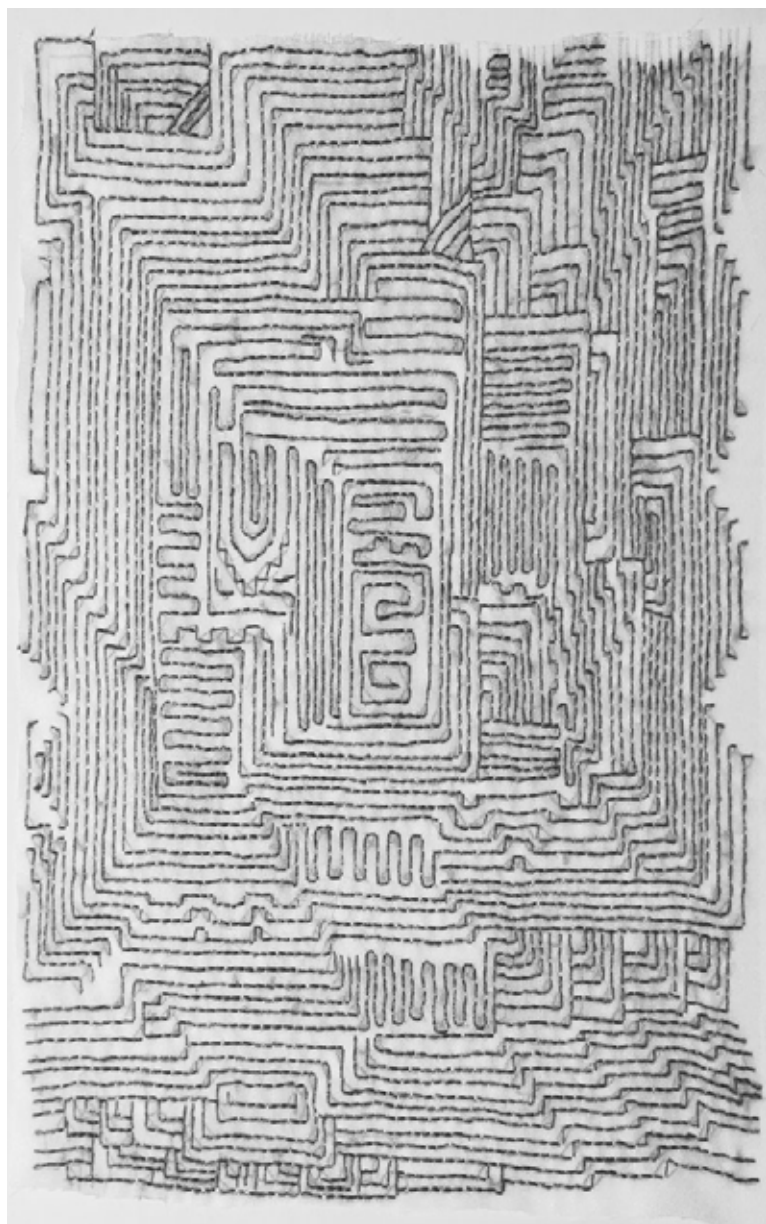
Mesa para maresia



Pus Atravessamentos pus nesta escrita pus Leonilson pus Hélio Oiticica pus Joseph Beuys pus Barrio Pus Bispo do Rosário pus Louise Bourgeois pus Henry Miller pus Parágrafo pus Trópico de Capricórnio pus Artaud pus Artstar pus Corazza pus Palavras pus Paola pus Jarbas pus Dionísio pus Nietzsche pus Deleuze pus Guattari pus Rolnik pus Dilacerado pus Caio Fernando Abreu pus Carol pus Adriane pus Terra pus Bordados pus Tragédia pus Ariana pus Lamento transcriado pus Zordan pus Machado pus Martelo pus Roberto pus Lins pus Barbosa pus Daniel pus linhas pus Vida pus Arte pus Escrita pus Deriva pus Guy Debord pus Pensamentos pus * pus Diálogos pus Deleuze & Parnet pus Filosofia pus O que é pus Nascimento pus Tragédia pus Bailarinos pus Alice pus pele pus do Outro Lado pus Espelho pus Mil Platôs pus Lógica dos Sentidos pus Mistério de Ariana pus Rosto pus Desejo pus Criações e Sentido Trágico pus dif pus Seminário pus Ano Zero pus Rosto de Giz pus Carne pus Bóides pus Parangolés pus Carolina pus Votto pus Lebre Morta pus Corpo pus Paixão pus Dilaceração pus Labirinto pus Fluido pus Deserto pus Puerto pus Manto pus Capas pus Capela pus Cidades pus Verdades pus Ruas pus Coração pus Mundo pus Gigante pus Flores pus Nuvens pus Sonhos pus Água pus Divididas pus Inominável pus Boca pus Insônia pus Entrega pus Tesão pus Rios pus Diferença pus Sangue pus Marques pus Rogério pus Cuidado pus Amorosidade pus Aventura pus Excesso pus Educação pus Dor pus Silêncio pus Cheio pus Vazio pus Língua pus Ferida pus Corte pus Paisagem pus Caos pus Cartografia pus Oswald de Andrade pus Antropofagia pus Dança pus Pirata pus Música pus Ouvido pus Oceano pus Cor pus Pinturas pus Afecção pus Percepção pus Spinoza pus Capitalismo pus Esquizofrenia pus Gilles pus Criança pus Feita nas orelhas pus Retorno pus Encontro pus Roubo pus Profano pus Desenhos pus 250 km ao Sul pus Outras Obras Minhas pus Tudo isso para compor esta produção litero – artística

*
 Mãe * artista * amante * santa * puta * professora * aluna * filha * louca * deprimida *
 bêbada * obscena * lasciva * ordinária * debochada * cadela * travesti * bixa * mulher *
 abandonada * transtornada * arteira * bruxa * dançarina * bisca * fada * enferma * besta *
 nula * inexata * úmida * intensa * desvairada * comenheira * Alceste * indecorosa * amiga *
 * fogosa * escatológica * fútil * dilacerada * gata * cínica * voraz * nômade * trágica *
 trêmula * ciumenta * traidora * macia * rã * abandonada * Ariana * exagerada * vaca *
 pirata * vaidosa * libidinosa * demasiada * sórdida * vulgar * insuportável * possessiva *
 volúvel * fiel * idiota * solitária * inteira * cigana * feiticeira * extemporânea * imaculada *
 usurpadora * emotiva * colérica * inquieta * frágil * leviana * imanente * assimétrica *
 incorrigível * Clarice * Bispo * dissonante * selvagem * Hélio * Mona * Caio * aguda *
 adorável * Greta * dilatada * desgraçada * espaçosa * afogada * Fritz * June * atormentada *
 libertina * perversa * indecente * Dulce * alcoviteira * Henry * vadia * submissa * áspera *
 Odete * obstinada * meiga * Bete * blue * impostora * ávida * Anna * desmemoriada * carnal *
 * Louise * inocente * desmembrada * vazia * melancólica * profana * paranóica * estranha *
 lânguida * diabólica * Mara * pesquisadora * desiludida * fértil * temerosa * amarga *
 sensual * profunda * superficial * alegre * verborrágica * desesperada * estrangeira *
 risonha * aficcionada * imanente * boa * encantadora * ousada * agressiva * vidente *
 só * passional * exuberante * maléfica * escandalosa * gritona * Teresa * Justine * amorosa *
 tímida * múltipla * comum *

Mãe * artista * amante * santa * puta * professora * aluna * filha
* louca * deprimida * bêbada * obscena * lasciva * ordinária *
debochada * cadela * travesti * bixa * mulher * abandonada *
transtornada * arteira * bruxa * dançarina * bisca * fada * enferma *
besta * nula * inexata * úmida * intensa * desvairada * companheira
* Alceste * indecorosa * amiga * fogosa * escatológica * fútil *
dilacerada * sátira * cínica * voraz * nômade * trágica * trêmula
* ciumenta * traidora * macia * ladra * apaixonada * Ariana *
exagerada * vaca * pirata * vaidosa * libidinosa * demasiada *
sórdida * vulgar * insuportável * possessiva * volúvel * fiel * idiota
* solitária * inteira * cigana * feiticeira * extemporânea * imaculada
* usurpadora * emotiva * colérica * inquieta * frágil * leviana *
imanente * assimétrica * incorrigível * Clarice * Bispo * dissonante *
selvagem * Hélio * Mona * Caio * aguda * adorável * Greta * dilatada
* desgraçada * espaçosa * afogada * Fritz * June * atormentada
* libertina * perversa * indecente * Dulce * alcoviteira * Henry *
vadia * submissa * áspera * Odete * obstinada * meiga * Bete *
blue * impostora * ávida * Anna * desmemoriada * carnal * Louise *
inocente * desmembrada * vazia * melancólica * profana * paranóica
* estranha * lânguida * diabólica * Mara * pesquisadora * desiludida
* fértil * temerosa * amarga * sensual * profunda * superficial
* alegre * verborrágica * desesperada * estrangeira * risonha *
aficcionada * imanente * boa * encantadora * ousada * agressiva
* vidente * só * passional * exuberante * maléfica * escandalosa *
gritona * Teresa * Justine * amorosa * tímida * múltipla * comum *



Jogo de astúcia

/ Prelúdio /

Como está claro o dia! Sinto-me leve. Os braços soltos. As pernas estiradas. O olhar desviante. O corpo, enfim, relaxado. Posso criar muitos gestos desde que a minha visão se una ao toque das plantas dos pés, como se as pupilas pudessem tatear e as plantas dos pés fossem capazes de ver. Ao redor do corpo e de suas múltiplas bifurcações, estremeçam rajadas de vento e centelhas são lançadas no volume azul. Em exaltações infinitesimais, o verbo advém da retidão inquieta do corpo. O equilíbrio é perdido em minúsculas elipses.

Repentinamente sou tomada pela sensação de que seguir seria arriscado demais. Obstino-me aos riscos. Antes que meu corpo se encolha e meu espírito se encha de sabedoria, sou acolhida livremente pela cálida brisa e pelo gostoso sol dessa tarde de agosto. Mesclo minhas margens íntimas e os afectos se multiplicam interiormente. Há certamente outras palhetas que vibram nos contornos dos ventos.

Com efeito, jamais vi nuances tão suaves ou harmonias tão secretas na impermanência do universo. Um equilíbrio corpo a corpo, igualmente sereno, deve embeber da absoluta perfeição do acorde ao fim de uma sonata.

Meu corpo se agita, meus pés tocam o solo, meus cabelos se ouriçam. Mas a vida inteira também se move: as plantas florescem, as ondas rebentam, as algas flutuam. E a vida pode tantas coisas que até os deuses se espantam com isso.

Fim de tarde. Começa a chover. Gotas pesadas, esparsas. Depois, mais finas. A água se avoluma e despenca rua abaixo com força vital. Por fim o ar límpido clareia as minhas idéias nascentes. Escuto meu sangue, meu corpo, minha potência. Entrego o corpo à linguagem e a escrita desvanecida inicia-se pelas beiradas do fim do dia.

/ A espectadora /

No começo, curiosidade de me ver, mas depois não mais. Agora é o desejo de me ver no outro. E algo acontece: o passado de minha execução coincide com o presente do outro. E eu me confundo. Eu e o outro. Um certo mimetismo, esse conhecimento misterioso transmitido de um a outro. Todo o corpo não é mais agora aquele que se vê sob o vidro límpido da água.

Diante dos meus olhos a dançarina desenrola a sua dança. Desarmo-me, renuncio e deixo-me seduzir pela sua poética. E tudo parece indicar que o invisível da invisibilidade está ali, desvelado e desconhecido, estranho e disforme. Como que em uma mistura de corpos eróticos, nada é um sem o outro. Implicada no corpo da dançarina sou absorvida em sua plenitude e sinto-me perdida em seus delírios. Com que deleite, com que regozijo consolo o meu espírito. Extasiada me calo diante de tamanha sedução.

Uma vontade me apodera.
Quero tornar-me o espectador de mim mesmo.
Inventar o meu próprio espaço de mim. Talvez
precise encontrar uma linha abstrata que trace
o movimento no espaço e não no corpo que o
percorre. Mas a cada instante que eu danço, toda
a experiência da minha vida é potencialmente
visível. E no limite da experiência corporal vejo a
minha própria matéria tornar-se perecível.

Se você soubesse tudo o que
vejo. Tudo o que sinto. Meu espírito se alvoroça
e não me deixa descansar. Preciso respirar. Só
um pouco. Às vezes falta-me fôlego. Tenho a
sensação de que não consigo mais pensar ou que
o pensamento torna-se alguma coisa tão somente
corporal.

De meu lugar na platéia vejo
o palco. E também o lustre. Talvez mais o lustre
do que o palco. Talvez ora lustre, ora palco. O que
sei é que o brilho do lustre ofusca o meu olhar
implacável. Fixo os instantes súbitos que mostram
em si a própria imagem nebulosa. Percebo que
o meu olhar é de uma pessoa primitiva e talvez
também o lugar. Desnudado de mim nada mais
vejo.

Quase um palco. A
coreografia materializa um traço. Uma antologia
de passos semelhante à abertura de uma ópera faz
com que cada passo pareça ser o movimento da
ópera inteira. São movimentos e melodias o que se
escuta. Um jogo de astúcia.

Encontro-me no meio.
Sentado entre duas pessoas. Estranha sensação
de que o meio parece disputar entre si o que sou.
Talvez eu seja um estrangeiro de mim e já não mais
me reconheça. Sinto minha presença ausente

e isso me dá um sabor abismal. Sabor de sombra. Sempre gostei de perseguir a minha sombra e nela desaparecer.

O fascínio me cega e impede um pensamento. Enxergo desenhos feitos por nuvens no horizonte. Depois formas amolecidas, desamparadas. O corpo ofega. De tanto ofegar o que era orgânico soa marítimo e o orgânico talvez soe mecânico. E na calma da noite, os olhos fecham. Pesam e fecham.

O tempo inicia-se pelas beiradas adensando-se à noite. Vejo um bailarino exprimir enormemente seus gestos sem quase nada fazer. Vejo o que não se pode não ver. Cada corpo no seu limite é a sua luz cegante. E o gesto torna-se absoluto e sem artifício. O corpo vivo mal se distingue do corpo sem forma e tudo se realiza numa espécie de incidência vulcânica.

O que vem a seguir não poderia ser inesperado. Diante de veladuras e opacidades, diante do lúgubre da noite, o palco se abre no sol de outras paragens. Os corpos falam uma outra língua, como se fosse possível cortejar uma saúde.

Tu exalas em mim a ausência de ti e te ver faz nostalgia em mim. Sigo os olhares que te levantaram vôo e escuto a minha fragilidade. Será que adormeci? Talvez eu consiga renascer ainda. Em meio a um suspiro e outro, abro a janela para ver o luar. Penso: *‘Le plaisir de danser déagagé autour de soi le plaisir de voir danser’*.

O final do espetáculo. O fim de partida da dança. Não existe aí senão uma fantasia que se dissimula na repetição infinita entre o já dançado, o já visto e o já dito. Tudo procede na extrema resistência de fazer morrer a sua própria consciência.

Tempo



T
— Vou contar-lhe um segredo de família —
e murmurou algo
novo para mim

...e, finalmente, ao
homem
efeminado de
corpo cruel.



O telefone tornou a tocar, insistentemente,

Fiquei à espera

Depois, subitamente,

inclinou-se

excitadamente

— Tem uma mulher? —

— Não pude conter-me! —

CARAS DA LUA









VARIAÇÕES

Tema: uma linha trabalha por conta própria.

Uma linha passeia

ondula

ziguezaguezeia

inscreveu-se num escritor –

sensações

antes

pequenas percepções –

ou depois –

enroscou-se entorno

contorcendo acasos

Variações -

diz-se que jamais se conheceu (sequer quando escreveu “eu”) –
coisas do mundo atijam essa linha
se fundindo com aquilo que a contempla
na língua que desconhece –

entre reconhecimento e aparecimento numa a-percepção
(Tristan Tzara):

algo surge sobre o papel recortando-se em palavras
colocando-se num saco
agitado suavemente –
tirou-se cada pedaço um após o outro

copiou-se na ordem em que eram tirados
dispôs-se das palavras
das imagens numa

visão
seguindo (entre escolha e acaso)
a linha que vitaliza (outra vez?)

batel fanny cálamo e as bolhas de ar –
entre uma roleta e o bacará linha que arrisca arisca: risca –
com o acaso: do silêncio eu dizia que

eu tinha uma linha oriental: vai!
e ela parecia muito mais antiga do que nós
Quem sou?

Aqui: Agora
... menor que um morfema....
palavras-olhos palavras-mãos: vejo: faço: traço
linha aterrissa antes da solitária obra
(o banco está vazio
chove) –
quando risca lâmina incandescente no papel, o medo
continuar ou paralisar?

cladogramas balançam-me na mesma superfície em que rio – com os peixes -

pensando-se encontra-se
(imponderável

mulher de pluma
pés de gueixa
no olho de zíngara) –

agarrada em impossibilidades da realidade da materialidade do
impossível

(aguardando o nada
o jardim desfolha
em seus lábios) –

refletindo-se nos próprios movimentos surpreendia-se
torneando-se um retalho
do fim do mundo

maravilhosa aflição!

de quebrantos no corpo, nas pontas dos dedos
em palavras vibrações pulsações gestos atos -
linha arquitetural que arruína colocando tudo no devido lugar: Julia
e a praça -
linha declina ascende aparece nos últimos instantes
derradeira
feito uma enguia enrolada com graça como pequena víbora
indomesticada
estranha e enigmática
não haverá uma segunda vez!

emerge límpida
encobrimdo as ruidosas imersões
do pensamento
linhas-sons encantações evocações obscuras
(crepusculares
espelhos líquidos
imitam o pássaro e a lua -
enquanto o vento sopra uma ausência) -

linha cinética
na página/tela
próxima-distante
firme tênue seca
vaporosa
linha dilata volumeia nervos vísceras peles
ossos
linha vertical desce pela garganta do
mundo
baleia!

suando do plantio à colheita estia a linha torpe
germina com gotas de chuva
pinga uma fonte silenciosa -

do silêncio imergia nessa negrura de fazer-se escrituralmente
ida
na imagem armadilha entreolha-se num interior de tinta: a linha
arapuca antes num pássaro (tema)
agora num bando
de azuis

no oceano

linha pulverizando-se em nuvens
de branco jade
cintilando em
talco –
feldspato –
com mariscos incrustados
em fluorita
Alice!
furtiva
em matizes de
anil
cobalto –
desce: naval
física –
água
alga –
achata!
nesse Mar
Crepuscular
descendo
pálida –
negra –
magnetita!

abissal

linha soma
soma trai
linha seduz lá cá acolá
 não mais
fotográfica

soma subtrai

xilografou o trajeto para uma bicicleta

passar
linha ciclista
singela alegria

Bach? campestre celestial

vinha com

canolas em flor
amarelas
no meio das colinas
da estrada
do ano
neblina de inverno –

depois da chuva pesada
do calor que subia como nevoa da montanha
as últimas bergamotas –

entre árvores
animais e pedras
vinha, vinho
quase
augustus–

a montanha devolve em ecos
haverá vinhedos e
água -

a montanha espera,
no meio
animais e –
celeste,
aurora,
fenece –

Kazuo Ohno e a linha: quebrar um movimento para uma alma

passar –
entranhando-se em fibras nervosas rodopiando mergulhando no texto mais
uma vez

no alto da rua XV malabaristas

mergulham
do lado de lá
para trazer
para o lado de cá
essa rosa crepitante
a-moral
Poe Bacon Klee - tríptica - Suspensa Tensa
Pensativa
linha de carpintaria
simples aperfeiçoa-se (elevando-se em si mesma, de si mesma)
inquieta-se
ponteadas derramando filetes de espaços sutis mais leves que
atmosferas demasiado pequenas: “agora os ouvidos dos meus ouvidos
despertam e agora os olhos dos meus olhos estão abertos” (Edward se recolheu
aos labirintos infinitesimais da antiga ópera)
(o som ondulava à noite através de meus ossos) –

quando coloca sentido contra
apaga o logos e aflora na sensação física (os *et alii* loucamente se
enfurecem e fogem uns dos outros como da
peste!)
trapaceia evoca coloca
o enigma insolúvel
dissolve um personagem astuto: seu enigma!
na geometria de uma mancha no papel –
brilhantes razões em negras regiões?

esta linha prosaica navega numa poética, arranhando o não sentido daquilo
que inversamente a linha poética da linha prosaica anuncia: sentido formoso
astuto feio coxo!
assim como uma língua obscena
aquém do texto além dele catástrofe e
decomposição ascensão e declínio
o mal vampiriza das flores vermelhas às brancas
(esta linha que você lê “jamais abolirá o acaso” dizia-se nele,
ela)
do som antes do salto – do velho tanque
ouviu-se que –

esta linha tão romântica cheia de noite de mar e de estrelas
será um banquete para essas traças tão pequeninas quando o mal

cheirando as flores os espinhos
desnudando-se pouco a pouco

como se

acaso fosse ainda seria muito
vestida no verso rasurasse seu reverso

como se

no inferno

um ritmo levasse a linha para passear (um pequeno começo) e
mal iniciado um traçado
fosse amassado chutado alhures em bolinha de papel em brinquedo para
um gato

encontrado ao acaso
desdobrando-se em
ipê

uma linha que jamais conversa (é música?)

||:- aplico-me nessa frase! aguardo... desenvolvo-me? perco-me?:||
tac-tac-tac

da capo: - seu método? -penso sinto logo insisto

reversão:



diz-se que uma linha dissolve a existência que não a sua em própria
como se

um princípio cujo fim fosse outro princípio
nesta terra sem gravidade

de colapso e desaparecimento
do desastre do traço esculpindo uma linha

abstrata

como se

um cavalo oblíquo relinchasse foz – eternamente
ou

bicassem pausadamente pontos da linha dois pombos

ao lado de
uma menina correndo para uma fonte em nuvens decíduas
(enquanto ventos de carvalhos tremem vidraças)

– fim de tarde –

nesse largo da ordem
onde
desalinham-se linguagens em desalinhamentos de linguagens em largos
desalinham-se em desalinhamentos de largos de linguagens de desalinhamentos
de ordens

em
linhas circulares sem centro
sonoras de cristais atmosféricos
glissando
como estes tordos em redes suspensas se rasgando
se emaranhando
em fios floreios farpas traços
de edifícios imaginários
em textos diálogos insetos condições
ocorrências
que decompõem e
desaparecem –

[7 elementos para uma teoria das origens, das linhas, dos volumes
(Paul Klee):

ponto cinza
puxadas laterais
superfícies
choques
puxadas profundas
volumes
cinzas
assim:
Gotas
estalidos de volumes em superfícies –
chuva de verão]

uma linha que se suicida não se explica em termos de fracasso e perda mas
pela duração de seu traço
por isso diz-se da razão que o suicídio a precede e dura nela –

na linha conservando-se lembrança sem ter se lembrado enquanto cuidava
de tudo

na linha aletheia, vestígio do traço na superfície d e
uma memória
na linha rarefeita

arrepiano
o frio

desejo da linha livre de todas as propriedades (pulsão de morte: apoio e
desvio do ponto

diabólico escrevendo uma pergunta que não se formulou

nunca se formulará: linha hiperbólica)

neutra cria ou modifica suas vozes em polifonias de polifonias
alongando-se felina e voltando a dormir –

ouviu-se dizer que as espécies de linhas são produzidas pela evolução
não pelo homem

contudo nunca se recusaram a escrever a ele epitáfios de epitáfios:

- no deserto de matizes de prata sopram minerais ao brilho decrescente da
lua –

- bolas de gude caleidoscópicas corrigiam a pontaria do menino de olhos
abissais –

- arlequim-pierrô querendo-se dramático perdia-se nesta linha cômica –



- entre a vida e a morte escreveu-se

Giacomo Joyce (*Declinações*)

I.

O texto divide, a nós, a si e àquele que biografava. Coleciona epifanias.

II.

O biográfico, em escritura, dispersado em ficções.

III.

(nota antropofágica)

Uma biografia? Da vida, narrada com os fins, em ocorrências ligadas umas às outras, um sentido se costura em correspondências entre corpos e palavras; e o realismo resultante salvaria o “documento de identidade” não fosse ele assombrado pelo texto que desconhece. Um biografema?

IV.

Quem? Uma linguagem rodopia em círculos; Giacomo Joyce lampeja, ecoando de um futuro improvável os murmúrios de um vivido igualmente improvável.

V.

Feras noturnas. Estou perdido! Do violeta ao vermelho, do silêncio eloqüente ao grito, da generosidade à ferocidade evocava, com a língua, o mistério, a volúpia, o exotismo, a

VI.

O estilete corta: “me ame”, uma letra escarlate.

VII.

Toque de oitavas agudas, rosa cruz, ópera de uma Trieste transfigurada:

luzes caindo

ondas escuras

e o abismo –

Vincado numa capa de sal, no silêncio branco, leu a respeito das mulheres. Chorou.

Envolto em halos de perfume, de súbito, uma espécie de alegria na tarde. A babelíssima pipilava nos idiomas, exilada nas peles do instinto animal.

VIII.

Algumas lembranças foscas espocam venturosas.

IX.

O texto opera transferindo a linguagem do cotidiano ao poético na construção de fragmentos que iluminam detalhes insignificantes, insinuam isenções de sentido, vazios entre vida e obra. Na passagem do atual para o inatual, uma Trieste que não existe em país algum.

X.

Quem? Da discordância infinita entre enunciado e enunciação, a aluna impossível desloca-se perpetuamente do enunciado enquanto seu professor morre.

XI.

Quem? – pronome absoluto definindo-se e à sua própria indefinição.

XII.

Nos lábios uma ária antiga na harpa do peito.

XIII.

O coração tisonado maculava os madrigais triestinos: saga em clavicímalo.

XIV.

Por puxar o diabo pelo rabo, recobriu-se de chuva. Inútil molhar os pés.

XV.

O poder satânico do amor perfura o céu. *Oh Chaga cruel! Deus libidinoso!*

XVI.

Sensualidade no texto. Volúpia no amor. *Minhas palavras em sua mente: pedras frias polidas afundando num pântano.*

XVII.

Compor um biografema, colher da escrita uma espécie de ordem fantasmática, algo que transmigre ao lugar de partida, o Outro. Tal qual o frio oblíquo e indolente que o empurra ao fundo de um lago gelado. Que fazer, então? Escrevo.

XVIII.

Flaubert abre o espaço para uma literatura que só existe na e pela rede do já escrito. O imaginário se aloja entre o texto escrito e o futuro. Os textos lêem-se mutuamente, erguendo outro e mais outro, infinitamente. Produzem réplicas em fuga saltando entre signos que diferem. Em Trieste, palimpsestos de palimpsestos.

XIX.

Quem? Ela. Caligráfica. Seu corpo retorce. Nele. Aflora. Labela que seca diante de seus olhos. Exicata. Liquefizeram-se. Uma onda negra revolve seus sentidos. De novo e de novo. Desossa seu corpo. Faz frio.

Lá fora, rosaltar. A língua sanguínea escorrega na sua pele. Solferina. Uma lágrima cai. Pó de pratas. Áspera incandescência.

Ela estendeu-se numa flor carmesim. Ele, entre azuis, como estrelas que pontilham. É só. Escuridão. A voz dela tremula nele, em multidões que estalam. Irisam. Vapores. Um floco de neve cai. Transpira paisagens de gaze. Chove.

Entre vidros vegetais, explodem. Uma estrelinha cai. Fogos de artifício. Desaparecem. Silêncio. E se ela partir? *um toque, só mais um toque... Posso?* Ouviu seu tique-taque nas escadas de pedra. *Ela está de partida!* Estrelas despencam do céu. Desmoronamento. Catástrofe.

Líquidos. Uma onda passa. De novo e de novo. Desossa. Negra, revolve estrelas. Os lábios dela lhe beijam em hera. Tocam-lhe com dedos frios. Serpenteiam. *Uma escura onda de sentido se esvai.* Ouvem os últimos murmúrios sob um guarda-chuva. Silêncio.

XX.

Quem? Um corpo trabalha. Nas mãos, o choque da tesoura nos cabelos.

Duelo dos metais, do idioma, das ferramentas. *Che bella cesoie!*

O ritmo segue no preparo do almoço. As panelas estremeçam. Segue taça de vinho, coroando o desfrute saciado ligeiramente.

Uma pêra dourada, nos últimos galhos, zombando da voragem do vento e das folhas.

Uma luz quente e cremosa provocava bocejos. A cortina encobre as primeiras horas luminosas da tarde, hirta e quieta para a sesta.

Com a memória das mãos passou de uma ferramenta a outra. O ferro e a noite avançavam nas flores, nos chás, nos legumes.

Operado, *polveretto.* O *forbici* da médica deixou uma chaga perto da garganta. Cristais de gálio nos seus olhos. Ela, vestida de branco e prata. Vidros, porcelanas, espelhos em fusão. E o pulsar do seu coração explodindo tudo em cacos resplandecentes.

Não vá! Não vá!

Entre a vigília e o sono esperaria a visita da deusa cruel. Vozes, passos, barulho de objetos metálicos. *Ela?*

Duas enfermeiras entram no quarto para fazer o curativo. Numa fração de segundos, no passar da tesoura inox, viu seus olhos enamorados. Alheio aos assuntos e sorrisos delas sentia-se enfraquecido para perguntar *Ela vem? Quando?* Sem qualquer pergunta e resposta a madrugada longa e fria naquele inverno tardio.

Enrolado em si mesmo, absorto nos pensamentos, recebeu demoradamente a refeição frugal. Depois, pálido, um pouco tonto, com grande esforço, fez o *toalete*. Estava pronto, era um alívio, podia recuperar as forças, esperando. As vozes, os barulhos dos objetos metálicos, os passos no corredor se entrecrocavam com o murmurinho longínquo dos carros.

Uma batida seca na porta do quarto faz seu coração pulsar perto da garganta. Estava pronto para vê-la entrar, linda como uma noiva. O sobressalto fez jorrar sangue no curativo. Sua filha, que acabara de abrir a porta, assustou-se. Tão logo ajeitou os travesseiros para deixar a cabeça alta, saiu para a enfermaria do andar. Ele, esperou pacientemente a troca do curativo e da camisa manchada de sangue.

Acompanhando os gestos concentrados da funcionária da limpeza, esperava. Saltos altos ecoam no corredor. *Ela?* A mudez da funcionária da limpeza não notou o sobressalto que aconteceu no tórax, perto das costelas. *De novo. Não mais. Escuro amor, escuro ardor. Não mais. Escuridade.*

Pálido e frágil como uma hóstia, desanima.

Recebe a sopa, cujo perfume superava tudo o que o sabor pudesse alcançar.

Abatido, entrega-se para um sono profundo como a morte.

Uma serpente estelar me beijou. Estou perdido!

— Senhor, Senhor Giacomo!

Referências:

- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. brasileira de Maria de Santa Cruz . São Paulo: Martins Fontes, 2005. 183p.
- BARTHES, Roland. *O império dos Signos*. Trad. brasileira de Leyla Perrone-Moyses. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, M. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Ditos & escritos III*. Trad. brasileira de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- JOYCE, James. *Giacomo Joyce*. Trad. brasileira e notas de José Antonio Arantes. São Paulo: Iluminuras, 1999, p. 94.

Da série **cicatrices**



puto, o superputo

séquitos misteriosos. já não conseguia ver de outra forma senão linhas murchas traçadas ao relento. aguardava ao folhear um livro e degustava as análises ingenuamente disfarçadas. pelo fato de apontar humores e ter um tom de desleixo afastava as dúvidas quanto às intenções do autor. estudava a calçada engordurada. na sua frente nenhum prato de comida. não as babas nos copos enebados das lancherias, ou as crostas de café nas xícaras porcamente lavadas. suas leituras eram apenas convenientes, de resto, lambia as xícaras nojentas como se quisesse beijar cada boca que ali bebeu, e não os via, somente saboreava. o sabor. pobre daquele escritor que parece não querer ser beijado, sem hálito, sem gosto e sem enzimas, com ele um sem número de gente que nem sequer irá gozar, os que gozam só na frente. questão de amplitude, de graus, de ângulos. não vencer o medo mas com ele viver, amá-lo. apesar das muitas páginas, apenas algumas sílabas esperneadas entre as doses de incandescência – aquilo que não se sabe se pertence ao texto ou ao corpo, ou seja, arrancava-as *do corpo que é texto e do texto que é corpo*¹. uma brasa e um fio prevalecido de sentidos. e um *flash* de escritura, uma delicada congruência hirta em torno do diapasão da noite. /entre as pernas, sob o baço talvez, ou na virilha, um pequeno tumor que não pôde identificar como conseqüência de um inseto ou do cancro, fez mancar um segundo antes de sinalizar ao companheiro do outro lado da rua, aquele carro era seu, preparava-se para mostrar o pênis. /o caldo de tudo que as bichas deixam

escorrer, suas tosses e convulsões, seus espirros e suores, ingrediente afogado no escuro da via pública, projetado a título de manter vivas as bichas, e as perebas sempre escorregaram nas veias como se mantivessem alguma ordem. /é uma lei local, uma regra do hedonismo de banheiro e de madrugada no parque: os vermes, escoados na feira do dia seguinte, os vegetais impregnados de luxúria exibem os roxos estupendos das berinjelas. ali na mesma rua, os domingos e sua proliferação de dentes, os pescoços escorregadios e eis que uma bicha caminha, enegrecida pelos remédios, vestindo suas calças justas e levando seu almoço embrulhado em celofane. /para a cidade sobreviver há que se ter uma inserção viral nos corredores mais organizados e pudendos da face da terra; seres colossais nos trejeitos dos infectos. ele um dia encarou as bolas do estagiário e este as amassou fazendo olhar de desafio. suas piscadelas pederastas e lábios úmidos são parcialmente religiosos desde então. mesmo a fuga das investidas do garoto o deixou com essa mania – desviar o olhar com fins de demonstrar algum interesse, sempre como se indicasse estar procurando um lugar apropriado para transar. agora que se achava em uma crise, gargalhava silenciosamente a todo garoto que olhava, pensava logo em desviar o olhar, mas já não como código para a sacanagem, mas como crise de gesto. /guardou o livro numa sacola de supermercado, conferiu o vidro do carro, a concha se abriu e uma outra paisagem se descola das retinas e de seus dedos. agora é como se a virgem cavidade retal do motorista já tivesse sido rompida, a mão estende-se, acaricia o enxame¹ sibilante de aromas muitos, torna a mão a adentrar o automóvel. o cheiro é sorvido ao pulsar das glândulas salivares. /é pena que a matriz de sua respiração seja tão ridícula a maior parte do tempo. lembrou de si. fala. ele fala, ele profere. ele inspira o ar em favor dos vícios de uma falação interminável.

1 al berto, *o medo*. a figura das abelhas é recorrente nesta obra, sempre acompanhada de cheiros e sabores.

de si mesmo sente vergonha. sorve um cheiro azedo do escroto sujo como a glória de uma primavera na noite rota. é uma noite perfeita, é um despertar inexplicável, um desbravar quase santo no dormitório das moscas e do sêmen recém ejaculado. é gravada na terra a potência do tiro, nos ladrilhos do frontispício mijado a curvatura dos socos e das fachadas desviadas. impregnados e dividindo um corpo, os gestos proféticos de uma alienação surgem tímidos em meio ao rumor das *darkclouds* infectas que deambulam livres nas mãos dos adolescentes eretos. os membros mostrados abaixo das luzes douradas fazendo semicírculos na calçada ou à penumbra, parcialmente dourada. de início parecem se confundir com as outras formas que aparecem mas aos poucos se vai acostumando a separar as coisas. / sua avó o prevenia na infância: *não olhes, baixa a cabeça*. mas ela própria desconfiava de suas dobras que pulavam da calçola, com a diferença que a avozinha não havia conhecido um lugar ao ar livre assim, onde seus fedores pudessem fazer casa, arquitetar-se com sabor de noite, com as peles das árvores confabulando também seus devires, despreocupadas com as moscas que chupam o caldo adocicado de uma bosta recém feita. as peles todas elencam a si mesmas como os argutos tremeliques de uma escritura. nada na verdade foi escrito, mas o tom de romance já começava a ser visto nos corpos que a película fria da madrugada envolve. *isto não é um romance*². quanto ao garoto, o vidro fumê distanciava pouca coisa. um velho, uma trava, seu tio, seu pai, pouco importa. o olhar foi o primeiro a tocar seu corpo. não há nome. não há como voltar atrás. estende a mão e toca o vidro, força um pouco para baixo a fim de abrir. parecem dois astros negros os olhos que residem no interior do automóvel, somente eles são vistos furando o reflexo das árvores esticadas na concavidade do vidro. o vento provoca as pálpebras como quisessem avisar alguma coisa, mas já é difícil piscar a esta hora, a ausência de

lágrimas é conforme a pressa em programar a próxima hora. *um pão, ovo e suco pronto*. o motorista leva à boca o último pedaço do sanduíche que surge abaixo dos negros olhos. o garoto percebe então que não sente mais fome, apenas uma vontade latente de mastigar. seu corpo magro, todo atento às disposições do visitante, quer na verdade também um corpo, qualquer corpo, mas desta vez, de preferência, um que pudesse esmagar com os dentes. /esmagar e castigar as ervas sobre a calçada, vaga sutileza da febre. proibidade em resguardar algumas manchas nos dentes, que são o rastro da escritura do espírito. mas já há algum tempo o mundo não tem permitido que escreva sucessivamente. *certas coisas apagam-se antes*¹. puxa violentamente o pescoço do cliente e o obriga entregar o dinheiro. depois solta e entra na floresta de camas verticais abanando apenas um lenço de seda perfumado que arrancara do cliente. percebe que o dinheiro foi levado pelo outro michê, a sacola estava intacta presa ao antebraço. /o colega ficou com o dinheiro, este que depois de dois anos de agito já não ejacula mais e é corroído pelos prêmios que lhe foram dados, como afetuosos sentimentos de comunidade, por centenas que com ele estiveram. *deixa esse viado*. pensa cheirando o lenço roubado, pois ele ainda podia ejacular, e no outro a porra simplesmente parou, circula nos órgãos do ventre como orgia exaustiva, eterna constipação do sêmen. o cheiro do lenço o deixa excitado, cospe no tecido e o usa para ajeitar o pênis. então pára e amarra-o no cinto. figura manca no convés da floresta cheirando a perfume francês escorase numa árvore e respira. respira. /*cabelos azuis o Puto o Superputo deambula agora pelas ruas desertas*². a madrugada distribui a seus seguidores a lâmina das gotículas irrespiráveis, chuva ácida de mijo e *crack*. o sabor refrescante da cocaína corrói os dentes e os enegrece. /agora superputo senta em um toco de árvore,

1 al berto. *o medo*. p. 26.

2 al berto. *o medo*. p. 36.

escora a sacolinha numa pedra e cata uma camisinha do chão, provavelmente usada há alguns dias, já com cor de terra. começa a enchê-la de ar, cuidando para que os lábios somente toquem os dedos que se fecham em torno da base. amarra-a. tira mais um preservativo da sacolinha e também faz o mesmo. segura os dois, um em cada mão, observa como a luz reflete em um e em outro. há uma luz brilhante, uma luz invasora subindo de leve pela borda do balão esquerdo, vermelha e azul. não se movimenta. agora é um homem que surge como figura refletido no balão. ele parece gritar. *estou cansado*. pensa antes de ter o sincipício aberto pela coronhada.

vitória da tripa sobre a palavra

*“He who makes a beast of himself
gets rid of the pain of being a man.”*

Eu tenho uma confissão a fazer. Uma urgente confissão. Eu te traí. Inúmeras vezes. Em pensamento. De certo pensas: é só? Sim, é só. E ao mesmo tempo muito, muito mais do que possas sonhar, e muito mais grave do que possas imaginar. Trair em pensamento é o mais imperdoável dos crimes de traição. Possui a face horrenda e deformada da verdade, pois no pensamento não se trai só em corpo, como no ato; se trai também a si mesmo. Eu me traí, e traí a pureza da tua alva semente: traí a alma, traí Deus. E me sinto impura, banhada em sangue putrefato. O sangue teu que escorria entre meus dentes não era impuro: era santo. A tua santidade alva e, portanto, aprisionadora e cruel. Tua inocência sádica. Minha imoralidade impudica e masoquista.

Eis a confissão do meu sacrilégio, o pensamento demoníaco de hoje à tarde: a atração irresistível que surgiu das mãos imundas da morte (essa face a um só tempo conturbada e plácida da vida), e que cuja lembrança, emanando dos meus cabelos como cheiro de fuligem, me põe a caneta na mão nesse tom de beata pecadora em casa santa. Mas

ao contrário do que podes estar pensando agora, minhas mãos não estão trêmulas: elas, agora, mais do que nunca, possuem a firmeza da certeza de que não apenas a carne é fraca, mas também as idéias. Meu corpo me trai nestas idéias devassas: no mato

sou instinto. E instinto é bicho no cio e cheiro ocre. É secreção pegajosa: mistura perturbadora de excremento, suor e sangue. É o despir-se da Cultura, despir-se de tudo que tu me és e me amas: é a regressão a tudo de mais perverso e, portanto, mais sincero que um homem pode ser. Bicho com fome, que mata. Bicho no cio, que fode. E ninguém acha isso feio, sujo, ou imoral.

Assim, como bicho, quis me oferecer a ele, o Senhor das Moscas, o senhor de todo o mal (senhor apenas por não sabê-lo: na ignorância reside o mais alto poder), com sua cabeça de porco infestada de moscas, com suas mãos empestadas do sangue de matar porcos. Ignorante em sua crueldade e, nem por isso, de algum modo inocente. Batem o martelo na mesa com a mesma falta de empatia com que ele crava a faca no coração do animal; da estreita boca suína sai um grunhido: “culpado!”. Mas eu que me sinto criminosa. Nunca pensei me sentir tão excitada com a morte.

Mas, sendo a morte uma face da vida (a um só tempo conturbada e plácida), que erro há em excitar-se com ela? Por acaso podemos repreender quem se excita diante a vida? Duas faces do mesmo, e a moeda continua tendo o mesmo valor, esteja para cima cara ou coroa.

Pois eu quis sentir o mais obsceno dos sonhos, quis sentir as mãos sebosas de gordura de porco e morte sobre o meu sexo, e cheguei a visualizar o coito-bicho, quase como se copulasse com um cavalo assassino e sorridente. A sujeira. O excremento. E o gozo só-por-alívio amarelado, putrefato, tão diferente do teu, que é alvo e que sorvo como se tua alma fosse. Ele não tem alma, o Senhor das Moscas, e por isso seu sêmen é amarelo e pus. Imaginei o orifício dele explodindo como putrefata pústula, escorrendo pena apocalíptica e doentia sobre toda a patética espécie humana que, aqui, represento eu. O fracasso da Cultura. A impotência dos vocábulos frente ao instinto. A vitória da tripa sobre a palavra.

Arcano 0

descomeçado
lindo
para quem
 leve
coloco os ovos
 estaquiada
yogue, grogue, boba
na beira do abismo
de um istmo
impossível
de aproximar

 duo
 deleite
 vazio
deposto
gostoso
disposto
a diferenciar

tertio
muso
louco
a acelerar
batimentos
passos
em risco
risos
vórtices
derrisões

Dioniso
do mundo
nascido
sofrido
morto
sempre
a ressuscitar

manchado
rodado
mascado
crápula
cópula
independente
do gestar

canino
a morder
linhas
efeitos
serras
planos
planaltos
superfícies

sem fim
somente capaz
de recortar
eternos
pedaços
para
provar

puro fluxo, manuscrito a partir de uma visão

Nus agachados são os pistilos de um miolo de girassol sob filtro azul matizado que passa ao lilás e vira rosado até se encarnar quase rubro ao fim. Como dizer aquilo que vive num corpo? O que ruge em sua móvel estrutura? O que rosna por dentro? O que o faz arrear por fora? Como cresce o ódio que faz ranger os ossos? Com que carências atinge a palidez e outra falta de vicejo? Areia do deserto, frio cortante, nada que um organismo aguente. Explicam problemas considerando reações moleculares que podem ou não, que podem e um pouco, que não podem determinar, que podem e não podem, que podem introduzir o sucesso de uma relação. Tudo uma questão de hormônios. Pura química. Só a carne, a pele nunca imaculada, pode sentir. Sensações que linguagem alguma consegue exprimir. Acontecimentos, fulgores que a palavra tenta trazer, mas jamais obtendo o mesmo efeito. No feitiço do verso, o sentido escapa. Toda palavra não tem outra razão além de seu próprio fim após o encantamento surtir num estado de coisas. De qualquer modo, a palavra, seja ao que levar, se acaba.

O trabalho, a perfeição, o encadeamento, a manutenção, a limpeza, a encheção de coisas de todo dia, tudo isso e o que mais se passa depois de tantas lágrimas a chorar a dor mesma da Terra. Se o rosto fosse de pedras, nele correria uma cascata. Fruto de convulsões. Espasmos de desespero completo, vazios inadmissíveis e nenhuma amizade. Na solidão mais completa da noite escura de fina lua com neblina densa. Arrancando a orelha para agradar quem mal te ama.

Sem um corpo, com o desconforto de carregar um, na irritação da corrente sanguínea, toda essa necessidade de despacho. Cansaço, andanças, bobagens que julgamos ter de levar. Livrar-se de tudo para seguir ao fundo do abismo. Sob a estabilidade das formações geológicas, a pulsividade da lava. Nas águas geladas sobre as rochas observa-se o balançar da esfera. Na passagem das horas, vemos a mudança do horizonte

e longe disso a terrível possibilidade de sufocamento. Algo pior que a febre ardente de quem agoniza. Menor que a perfuração vagante do abandono. Lâminas que esquartejam o coração fazendo com que o ferido perca direções e não consiga mais agir integralmente, cômico daquilo que faz. Clamando pelo fim, extingue a si mesmo para acabar de uma vez com tudo. Pedindo a morte, essa sombra na paisagem, toda superfície. A ela recorremos porque precisamos de transformações. Nem que para isso tenhamos que regenerar os membros. Ainda que esse processo demande lentificações. Longas esperas. Atirar-se ao destino, embriagar-se de suor, comungar porra. Grande fado, benção de espuma do mar. Engolir o outro e amá-lo. Absorção de poderes, reverências ao fraco, louvores ao brilho úmido de ruído noturno solto na imensidão. Atravessado por absurdo rol de tarefas e vontade de dormir e ter que evitar distrações e beber menos vinho e fazer todos aqueles exercícios e ler e redigir ordens e lembrar dos requerimentos e observar ofícios e desempenhar folhas e cumprir prazos e mandar tudo a puta que o pariu sem temer ser mal comportado, bruxo, inútil, besta, loco, babaca, idiota, pau no cu. Há definições ontológicas que são apenas adjetivações próprias para denegrir a sagrada importância da sodomização. Obviamente voluntária. Certamente por convicção. Oferecer a entrada (saída, dependendo do ponto de vista) do aparelho digestivo é tal como abrir seu cérebro para quem num corpo se insere. Se as bocetas falam diretamente ao coração, o cu expressa o prazer indescritível do qual é capaz um córtex desenvolvido. Seleções neuronais que um texto, sempre limitado pelas palavras que o circunscrevem e o tendem ao arbitrário, não tem como mostrar. Para entender somente praticando. Com os cuidados e lavagens necessárias. Lembrando do quanto vale a encadernação. O recheio é sempre saboroso. Manjares são deliciosos seres criados especialmente para nos fazer gozar. Toda beleza precisa ser provada. Amor não tem gosto sem doses de adrenalina. Chocolate é uma substância que nos possui. Café garante que continuemos erguidos. Urina é o que produzimos para nos purificar. O que é bom vicia, o que é demais engorda, o que não presta detona mesmo. Uma questão de tratamento de orifícios. Acabada, entregue ao plano, no beijo suave que passa os lábios tentando se inebriar das mínimas partículas a sair de poros invisíveis.

Tempo indo e voltando, parando relógios e acelerando irrigações. Músculos tensionados por inumeráveis posições. Pupilas que se contraem e dilatam. Em cada íris voam mil pássaros sobre o lago abaixo do perfil irregular das construções de uma cidade. Lá onde nasce o disco do entardecer refletido no espelho das águas como pimenta não mordida que insiste na mais tenra imaginação. Nada inocente, abrimos camadas e camadas de cebola. Crocante com creme. Como essas coberturas com canela e conforto. Com neve, com chuva, com ventos, com mofo se espalhando nas paredes, com armários estalantes, com tinta descascada, com descompassos físicos e meio aleijada pelos acidentes do cupido, uma coisa eu afirmo: esperma é a melhor iguaria do mundo. E os líquidos femininos seminais, tão mais raros, a chave da imortalidade. Querer morrer é tentar mais gozo. Sucumbir no oceano enorme sem penar pelas células que nos compõem do jeito que somos. E o que somos pouco interessa. O que os corpos secretam nenhum texto traz. O que vêm são palavras várias, imagens com barulho e silêncio, figuras mais ou menos constituídas, conceitos com diferentes consistências, escolhas sem julgamento algum. Abertura de jorro eterno colhida em concha levada à boca, dando força a tudo que, sem grandes pretensões, num cruzar de vidas se movimenta.



Autores

Ana Carolina De Bona Becker é artista visual e arquiteta, é graduada Bacharel em Artes Visuais com Habilitação em Desenho (2008), Licenciada em Educação Artística (2010) pelo IA UFRGS e Arquiteta e Urbanista (2003) pela FAU PUC.

Andre Pietsch Lima é doutor em Educação pelo PPGEDU/UFRGS. Biólogo e licenciado em Biologia pela Unesp-Botucatu e mestre em Educação pela Unicamp. É professor do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Angélica Vier Munhoz é doutora em Educação pelo PPGEDU/UFRGS; Professora do Centro de Ciência Humanas e Jurídicas do Centro Universitário UNIVATES e do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Ensino de Ciências Exatas (PPGECE/UNIVATES); Coordenadora do Curso de Pedagogia e do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Pedagogia da Arte/ UNIVATES.

Carmen Jacques é Doutora em Educação pelo PPGEDU/UFRGS (2011), Mestre em Educação pelo mesmo Programa (2007), Licenciada em Biologia pela UFRGS (1999). É professora de Ciências e Biologia na Rede Municipal de Cachoeirinha (RS).

Fernanda Kieling é graduanda em Licenciatura em Artes Visuais - UFRGS.

Em 2012 desenvolve projeto em artes visuais no Boquinha - Jornal Boca de Rua.

Jamer Guterres de Mello é doutorando em Comunicação e Informação pelo PPGCOM-UFRGS, onde pesquisa o uso de imagens de arquivo e as potências do falso no audiovisual contemporâneo. Tem mestrado em Educação pelo PPGEDU-UFRGS e graduação em Química Licenciatura Plena pela UFSM. É integrante da equipe de produção do Festival Cine Esquema Novo e editor do Zinescópio (biblioteca virtual de fanzines).

Júlia Berenstein é licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela UFRGS (2009) e bacharel em Artes Plásticas com ênfase em Fotografia pela UFRGS (2006). É professora de arte no Colégio Pastor Dohms e no Colégio Marista Rosário.

Julianna Dale Coutinho é psicóloga pela UFRGS (2011) e licencianda em Psicologia (UFRGS). Trabalha com imigrantes e refugiados no SAJU - UFRGS e no CIBAI - Migrações e é membro do Fórum Permanente de Mobilidade Humana - RS.

Luiz Daniel Rodrigues é intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras). Formado em Pedagogia pela UFRGS e Mestre em Educação pelo PPGEDU-UFRGS.

Márcio Porciúncula Ferreira é licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande (2003), especialista em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas de Lages (2006), mestre em Educação na linha de pesquisa Filosofia da diferença e educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS (2008). Atualmente é professor pesquisador II do curso de licenciatura em Pedagogia EAD/UFPel.

Marilu Goulart é mestre em educação pelo PPGEDU/UFRGS na linha de pesquisa Filosofias da Diferença. Graduada em psicologia pela Universidade Católica de Pelotas (1991). Atua na Assistência Social (FASC/PMPA) como Coordenadora do Centro de Referência de Assistência Social-CRAS Ilhas no Bairro Arquipélago

Mayra Martins Redin é doutoranda em Artes pelo PPG Artes/ UERJ (2012), mestre em Educação pelo PPGEDU/UFRGS (2009), formada em Psicologia pela UNISINOS (2006) e em Artes Visuais pelo Instituto de Artes / UFRGS (2011).

Nara Lúcia Giroto é Doutora e Mestre em Educação pelo PPGEDU/UFRGS, graduada em Psicologia pela PUCRS (1993). É professora do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha/FSG.

Paola Zordan é bacharel em desenho, licenciada em Educação Artística, Mestre e Doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS) e professora da UFRGS.

Patrícia Unyl é atriz, encenadora e professora de teatro. Mestre em Educação pelo PPGEDU-UFRGS (2010) e graduada em Artes Cênicas/Bacharelado em Interpretação e Direção Teatral (2002). Pesquisadora das artes cênicas, atua principalmente nos seguintes temas: encenação e dramaturgia contemporânea, teatro e dança, arte e filosofia, corpo e linguagem estética.

Paula Trusz Arruda é mestranda em História, Teoria e Crítica de Arte pelo PPGAVI/UFRGS, graduada em Artes Visuais pela UFRGS (2011).

Polen Sato é aluna do Curso de Especialização Pedagogia da Arte (UFRGS), graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela UFRGS (2011) e tatuadora na empresa Arte na Pele Tattoo e Piercing.

Raquel Ferreira é doutoranda do PPGAV/UFRGS, artista plástica, mestre em Educação pela UFPel e professora do Instituto Federal IF, campus Passo Fundo.

Talita Tibola é doutoranda em Psicologia pelo PPGPSI/UFF, mestre em Educação pelo PPGEDU/UFRGS (2009), formada em Psicologia pela UFSM (2007).

Simone Rodrigues é licencianda em Artes Visuais pela UFRGS e Arte-educadora na rede estadual de ensino.

Valdemar Schultz é mestre em Educação pelo PPGEDU/UFRGS, licenciado em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela UFRGS (2005) e graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia em São Leopoldo/RS (1990). É professor de arte e ensino religioso no Colégio Pastor Dohms e na Rede Municipal de Porto Alegre.



www.indepn-edu.com.br

Impressão sob demanda

Formato: A5 (14 x 21 cm); Acabamento Brochura com orelhas; Miolo em preto e branco; Papel Off-set 90g; Capa Colorida; N° de páginas 145.

ISBN 978-85-66402-01-8



9 788566 402018